

INFIDELIDADES ELETIVAS: INTELECTUAIS E POLÍTICA

Helena Bomeny¹

(...) Por mais amizade que lhe tenha e liberdade que tome consigo, sempre é certo que diante de você não esqueço nunca o ministro, que me assusta, me diminui e me subalterniza. Isto, aliás, me deixa danado de raiva e é a razão por que fujo sempre das altas personalidades. Por carta e de longe, posso me explicar com menos propensão ao consentimento. (Mário de Andrade, 23.2.1939)

(...) É verdade que minha colaboração foi sempre prestada ao amigo (e só este, de resto, lhe perdoaria as impertinências de que costuma revestir-se), e não propriamente ao ministro nem ao governo, mas seria impossível dissociar essas entidades e, se eu o conseguisse, isto poderia servir de escusa para mim, porém não beneficiaria o ministro... (Carlos Drummond de Andrade, 25.3.1936)

Se já não é possível falar da educação e cultura no Brasil republicano sem a menção ao ministério Gustavo Capanema (1934-1945), não tem sido igualmente possível pensar na relação de intelectuais com o poder sem a referência ao livro que já se consagrou como clássico nesta matéria: *La Trahison des Clercs*, de Julien Benda (1867-1956), livro que se tornou uma espécie de refrão no tratamento dessa relação sempre delicada dos intelectuais com a política. “Até hoje”, confirma Michel Winock, “*La Trahison des Clercs (A traição dos intelectuais)* continua sendo um livro emblemático, discutível e discutido, às vezes até com veemência, mas um dado de referência obrigatório a toda reflexão e a toda história concernente ao papel dos intelectuais no Estado”.²

O livro de Julien Benda aborda um problema essencial da cultura contemporânea: as relações da política com a vida do espírito. Pensar esse tema é pensar sobre o significado da palavra *clerc* para o autor do livro. Sem distinguir entre leigos e religiosos, Benda usa o termo no seu sentido mais amplo: *clerc* é todo homem

¹ Socióloga, pesquisadora do CPDOC e professora titular de sociologia da UERJ.

² Michel Winock, *O século dos intelectuais*. [Tradução de Eloá Jacobina]. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000, 896p, p.248.

que não se propõe como objetivo imediato um resultado prático, que conserva o culto da Arte e do Pensamento puro, que tira sua felicidade de um gozo espiritual, “dizendo de algum modo: Meu Reino não é deste mundo. E, de fato, há mais de dois mil anos, até os últimos tempos, percebo através da história uma seqüência ininterrupta de filósofos, religiosos, literatos, artistas, sábios... cujo movimento é uma oposição formal ao realismo das multidões”.³ O *clerc* é uma espécie de solitário, desprende-se das paixões que animam a multidão, como amor familiar, racial, patriótico, a paixão de classe: é o campeão do eterno, da verdade universal, e por ela não deve aceitar nenhum compromisso. É a Testemunha do Espírito, e pouco lhe importa que seu testemunho seja inatual ou ineficaz. Através da história, avança a nobre teoria dos *clercs* dignos desse nome. Platão, São Tomás, da Vinci, Malebranche, Spinoza e, sobretudo, Sócrates, “perfeito modelo de *clerc*”.

O *clerc*, de fato, por sua simples presença, é um fator de perturbação do Estado: sua missão é protestar contra todos os rebaixamentos espirituais, mesmo que eles sejam exigidos em nome da Pátria. O *clerc*, fiel à sua essência, afronta o realismo dos Estados; diante disso, estes não menos fiéis à sua essência, fazem-no beber cicuta. Para Benda, a traição dos intelectuais começa exatamente no instante em que eles entram na arena movediça da história, em que entregam os valores universais do espírito – a verdade, a justiça, a liberdade – aos poderes irracionais do instinto, do espírito do povo, da intuição, etc. Os *clercs*, intelectuais, filosóficos e literários definidos como clérigos seculares têm, segundo Benda, de conservar tais valores universais frente à intrusão do respectivo espírito político da época. Quem mais poderiam fazê-lo, posto que os laicos estão enredados necessariamente na ação e nas paixões mundanas? Aparece aqui um rigoroso racionalismo humanista frente ao canto de sereia dos espíritos românticos do povo. Hoje, no entanto, não é mais assim. Movidos, seja pelo desejo do dinheiro, seja pela vontade de poder, ou ainda por um sensualismo romântico, os *clercs* modernos deixaram de colocar no topo das hierarquias espirituais os valores desinteressados. Tornaram-se agentes do temporal. Ainda que não desconheça, em todos os tempos, as infidelidades dos *clercs* à sua missão, Benda está mais preocupado em marcar a tendência geral da inteligência contemporânea de engrossar a fileira dos infieis. Os

³ Julien Benda, citação retirada do livro de Michel Winock, O século dos intelectuais, op.cit. p.248-257 Brasil, 2000, 896p. (Segunda parte, capítulo 21, “A traição dos intelectuais”, pp.248-257.

intelectuais não conseguiram mais renunciar à tentação de se colocarem a serviço de suas paixões políticas. A traição dos *clercs* é espiritual: consiste muito menos em se engajar numa ação política do que em pretender que é justo dirigir a inteligência para triunfos imediatos e terrestres. E nessa virada de sentido da pureza da inteligência do espírito, Benda responsabiliza a Alemanha por ter sido, na Europa, o país que introduziu a religião da alma racional, da raça, o culto da força, a apologia da guerra, as filosofias nacionalistas da história. A traição dos *clercs* se liga, na verdade, à crise de sensibilidade que atravessa a Europa há duzentos anos: é uma doença romântica, uma consequência das preferências dadas à sensibilidade sobre a razão, ao visível sobre o invisível, ao carnal sobre o espiritual.

Levada ao extremo, a tese de Julien Benda poderia resultar em uma separação radical entre o domínio da vida e o do pensamento e na negação de qualquer influência possível do segundo sobre o primeiro. Mas não foi assim. O vínculo com o mundo da vida e/ou a influência sobre processos cotidianos foram mantidos pelo próprio Benda com a condição de preservação de ideais de justiça. Sempre que se mantiveram como “oficiantes da justiça abstrata”, desvinculando sua atividade de inteligência da paixão por algum objeto terrestre os intelectuais não traíram. A publicação do livro, em 1927, teve uma direção muito clara. Punha em questão muitos intelectuais e escritores contemporâneos, trazendo à tona o problema de toda a inteligência do século XIX e da influência geral de uma doutrina filosófica como o pragmatismo.

Criticado como extemporâneo, o livro de Julien Benda acabaria sendo uma elegia ao velho intelectualismo grego e clássico. O *La Trahison* se inseria, assim, em uma corrente de espírito muito difundida após a Primeira Guerra Mundial, ilustrada pelas teorias do desprendimento de Gide, e da ‘desmobilização da literatura’ de Jacques Rivière. E a crítica mais recorrente ao livro é a de que seu autor não considera as transformações profundas da sociedade moderna que provocam uma pressão das exigências políticas e econômicas sobre a personalidade, uma pressão até então ignorada. Michel Winock menciona a virulenta crítica de Albert Thibaudet, em junho de 1928, publicada em *NRF*, revista francesa conhecida como a direita literária, em que diz: “ O que transparece em Benda é o profetismo de Israel. O sábio é um homem do deserto, que se alimenta de gafanhotos e de mel selvagem, e anuncia: Desgraça! Para as cidades e os Estados. Aliás, a história do sábio infiel a sua missão está na Bíblia. É a

de Jonas”.⁴ O próprio Winock avança seu comentário a respeito da tese de Benda para relativizar a intenção de seu autor. Benda não pretende que os sábios governem o mundo. O reino dos filósofos só poderia existir se as coisas humanas deixassem de ser humanas e se tornassem divinas. “Ele quer apenas que a religião do sábio seja entendida de tal forma que ninguém possa entregar-se a paixões humanas sem má consciência”. E “é justamente aí que fracassam os novos sábios espirituais do Ocidente, que traem sua missão para dizer aos homens: *sejam fiéis à terra*”.⁵

De qualquer forma, criticado ou mais aceito, partidário de um idealismo sem sentido no mundo urbanizado e industrializado, o livro de Benda acabou sendo ponto de partida quase obrigatório, não apenas para os que seguiram com a preocupação de deslindar as representações dos intelectuais - como Edward Said o fez com *Representations of the Intellectual* -, como se tornou referência no próprio meio intelectual, nas reflexões, respostas ou justificativas dadas à forma de participação na política. É possível dizer que o impacto da tese de Benda tenha sua correspondência com uma inquietação, própria do mundo intelectual, de distanciamento e independência entre o pensamento e as formas de sua apropriação pela política. É nesse registro que me parece inteligível a afirmação do poeta Drummond de que, por serem “contemplativos”, os intelectuais seriam inofensivos, ou seja, não havia correspondência entre as indagações e inquirições mentais próprias do exercício do espírito e a intervenção no mundo das ações.

No Brasil da era Vargas, o dilema da participação dos intelectuais na política teve, no ministério Capanema, um de seus momentos memoráveis. Aquele ministério concentrou boa parte dos exemplos sempre recuperados para o tratamento da nada pacífica relação entre intelectuais e política. Como compreender o assentimento de uns e a reclusão que se impôs a outros?

Intelectuais no ministério

(...) As conseqüências do que ele [Capanema] fez são incalculáveis. Siga você o meu raciocínio. Sem o prédio do Ministério da Educação (recebido na ocasião

⁴ Retirado de Michel Winock, op.cit., p.256.

⁵ Winock, op.cit.,p.256.

como obra de um mentecapto) não teríamos a projeção que tiveram na época Lúcio Costa, Niemeyer, Carlos Leão e Cândido Portinari. Foram entendidos por Capanema e seus auxiliares próximos (Drummond, Rodrigo, Mário de Andrade e outros). Sem essa compreensão não teríamos tido a Pampulha, concepção paisagística e arquitetônica prestigiada pelo imenso Kubitschek. Sem Pampulha não teríamos tido Brasília, do mesmo Juscelino Kubitschek, que desviou nosso curso histórico – levando o Brasil para o seu Oeste. A raiz de tudo isto, a semente geradora, o adubo nutridor estão na inteligência de Capanema e de seus auxiliares de gabinete. (Pedro Nava)⁶

Seguindo o mote de abertura deste texto, reitero: se já não é possível falar da educação e da cultura no Brasil sem a menção a Gustavo Capanema, ministro da educação no período entre 1934 a 1945, não tem sido igualmente possível lembrar aquele ministério sem a referência aos intelectuais que compuseram a assim chamada constelação Capanema. A lembrança dessa participação no governo tem sido recuperada com os desconfortos que lhe seguem por termos que incluir naquele período o Estado Novo (1937-1945), um marco da política autoritária no Brasil. Qual teria sido a aquiescência desses intelectuais na montagem do autoritarismo? Quanto aceitaram da experiência do fechamento político e da restrição da liberdade? Aventou-se toda uma gama de associações e responsabilidades. O livro de Sérgio Miceli, *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, publicado em 1979, acabou se transformando em uma espécie de ícone desse tipo de cobrança.⁷ Em verdade, o tema da relação dos intelectuais com o poder tem se constituído em um programa de trabalho de Sergio Miceli. Seu último livro, *Intelectuais à Brasileira*, retoma os velhos estudos, e os confirma com a perspectiva metodológica com a qual se comprometeu ao longo dos vinte e poucos anos de pesquisa.⁸ Com embocadura distinta, *Tempos de Capanema* tratou também da tensão que se estabeleceu naquele ministério entre a ação dos intelectuais e as decisões de governo.⁹ Meu próprio livro, *Guardiães da Razão*, tem na atuação dos modernistas mineiros na política nacional o motivo de sua escrita, o que me obrigou a lidar com as dificuldades impostas aos intelectuais pela engrenagem dos processos de institucionalização do Estado e as tensões que permaneceram no cotidiano daquelas

⁶ Carta a Helena Bomeny em 21 de janeiro de 1983.

⁷ Sergio Miceli, *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo, Difel, 1979.

⁸ Ver: Sergio Miceli, *Intelectuais à brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, 436pp.

relações.¹⁰ Mais recentemente, o livro organizado por Angela Castro Gomes, *O ministro e seu ministério*, volta ao tema que acabou sendo a referência permanente aos estudos voltados para a recuperação daquela conjuntura.¹¹

O período de indiscutível mecenato da política brasileira teve como epicentro um conjunto de intelectuais das mais diversas áreas de atuação, e da mais variada extração social. Se a retomada dessa participação em momentos posteriores se beneficia em lidar com a informação e a reflexão a *posteriori*, envolve também um risco: traz, muitas vezes, a marca de simplificações que o olhar distante faculta, já de posse dos dados e dos desdobramentos conhecidos no curso do tempo. Ou, na formulação feliz de Bolívar Lamounier: “No fundo, o que se está projetando sobre o passado é uma aspiração, é um desejo que ocorre numa época posterior. Talvez se possa dizer, então, que o intérprete se coloca como credor do passado em vez de devedor dele, como cumpre ao historiador”.¹² As associações que se estabelecem a partir dessa contingência retiram da análise elementos que a matizariam e que comporiam a dinâmica de tensão - e também de conflito - implicada nesse tipo de adesão. O sabido depois conduz a interpretação do que aconteceu antes. O passado é lido, então, com as tintas de um futuro já presente no momento da recuperação.

Essa advertência não deve ser tomada como justificativa ou imputação de completo alheamento ou desconhecimento dos atores a respeito de processos com os quais estiveram envolvidos. Simon Schwartzman tem razão quando, comentando a participação de Carlos Drummond de Andrade no ministério do Estado Novo, nos diz: “Explicar a presença incômoda de Drummond neste ministério por simples razões de amizade, ou dizer que sua atuação foi simplesmente burocrática e administrativa, é fazer

⁹ Cf. Schwartzman, Simon; Bomeny, Helena Maria Bousquet e Costa, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra (1984), primeira edição. A segunda edição data de 2000, e foi resultado de uma co-edição Editora Paz e Terra e Editora da Fundação Getúlio Vargas.

¹⁰ Cf. Helena Bomeny. *Guardiães da Razão*. Modernistas Mineiros. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; São Paulo: Tempo Brasileiro, 1994.

¹¹ Cf. Angela Maria de Castro Gomes (org). *O ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas; Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

¹² Bolívar Lamounier, comentário à mesa sobre intelectuais e cultura no pós-1930 no seminário realizado pelo CPDOC, em setembro de 1980, publicado no livro *A Revolução de 30. Seminário Internacional*. Coleção Temas Brasileiros, volume 54. Brasília: Editora da UnB, apoio da Fundação Roberto Marinho, 1982, p.551.

pouco de sua inteligência e seus valores...”¹³ A advertência nos obriga a incluir mais coordenadas e ampliar o campo de interpretação em outras dimensões. Uma delas situa a convocatória da elite governamental e a aceitação de participação pelos intelectuais no marco do que a literatura já consagrou como construção do Estado de Bem Estar. No Brasil, esse fenômeno foi associado à Era Vargas. Este é um ponto para o qual já chamaram a atenção os pesquisadores que se debruçaram sobre a conjuntura dos anos 30. Tomo como exemplo um trecho de Lucia Lippi Oliveira em “As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado”:

O Estado Novo em sua complexa trama de “tradição” e “modernização” exerceu um apelo substancial sobre a intelectualidade brasileira. Figuras egressas do modernismo – tanto os que ingressaram nos movimentos radicais dos anos 30, quanto os que se mantiveram ligados aos partidos tradicionais – foram desembocar numa corrente comum que se insere no projeto de construção do Estado nacional. Literatos modernistas, políticos integralistas, positivistas, católicos, socialistas são encontrados trabalhando lado a lado...”¹⁴

Mas esse foi um movimento que não se restringiu ao Brasil. Ao contrário, perpassou toda a América Latina. A montagem de um Estado nacional com vistas ao estabelecimento de políticas de proteção para esferas importantes da vida social – educação, saúde, cultura, artes e arquitetura, patrimônio, administração etc - justificou a demanda por especialistas, envolveu intelectuais de várias áreas do saber e deu chance a homens ilustrados propositivos, ou como quis Guerreiro Ramos, *pragmáticos críticos*, capazes de sugerir e desenhar propostas de ação para todos esses campos. A entrada e atuação desses intelectuais e homens ilustrados diferenciam-se não apenas no estilo. Informam sobre campos distintos de concepção da política e de adesão a valores. A classificação de Guerreiro Ramos que reproduzo em nota de rodapé ilustra a complexidade da relação dos intelectuais com a política dos anos 30.¹⁵ E um pequeno

¹³ Simon Schwartzman, “A transição mineira”. Texto escrito como comentário ao trabalho de Francisco Iglesias, “História, Política e Mineiridade em Drummond”, preparado para apresentação no ciclo de conferências “Drummond – Alguma Poesia”, Rio de Janeiro, Fundação Cultural Banco do Brasil, 24 de abril de 1990, mimeo, p.2.

¹⁴ Lucia Lippi Oliveira, “As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado”. Em: A Revolução de 30. Seminário Internacional, op.cit., p.508.

¹⁵ “Entre as figuras *cêntricas* do cenário intelectual da década de 1930, representativas do pragmatismo crítico, destacam-se indivíduos como Francisco Campos, o ideólogo da legalidade do Estado Novo; Gustavo Capanema, que, como ministro da Educação, não só presidiu a reforma institucional do sistema de ensino, como também exerceu o papel de mediador entre o Estado Novo e os escritores mais resistentes à cooptação direta pela configuração de poder; Lindolfo Collor e Agamenon Magalhães, que, decisivamente, influíram na elaboração de nova legislação trabalhista e da organização sindical. Mais

exercício nos ajuda a compreender a adesão expressiva dos intelectuais ao chamado do governo naquele momento.

Se voltarmos à década de 1920, entenderemos a pronta resposta de tantos intelectuais ao aceno da burocracia estatal do pós-1930. Na área da educação, por exemplo, encontraremos as caravanas pelas reformas em praticamente todos os estados da federação. Os reformadores, pioneiros na defesa de um sistema nacional de educação, diagnosticaram a extensão do atraso brasileiro pelo analfabetismo em massa e clamavam por uma política de âmbito federal em favor da educação. As críticas são conhecidas. O Brasil era refém da voluptuosidade e do voluntarismo das elites locais; a educação brasileira, refém do elitismo, da imprevisibilidade de investimento, do desleixo dos governantes. Ressentia-se o país da falta de uma política de Estado que garantisse o acesso e o direito básicos à educação pública, leiga e gratuita. E não havia, sobretudo, planejamento, organização, confiança e regularidade nos projetos para o setor.

Pensando na cultura, basta acompanhar as viagens de Mário de Andrade pelo país, recolhendo, catalogando, classificando e valorizando os bens simbólicos e materiais com o propósito de realçar a originalidade brasileira espalhada por todo canto do regional, um esforço hercúleo de atribuir-lhe significado e defender a construção de uma política nacional de preservação do patrimônio cultural brasileiro. Só o Estado poderia reunir recursos suficientes para a implementação de uma política nacional de preservação da memória e do patrimônio histórico nacional.

Se nossos olhos se orientarem para a ciência, os companheiros de jornada agora serão os médicos e sanitaristas que, desde a década de 1910, vinham diagnosticando a distância, o abismo, o fosso que se ampliava no Brasil entre a

como teóricos do que propriamente como políticos, incluem-se, na galeria *cêntrica*, Oliveira Viana e Azevedo Amaral, cada um deles, a seu modo, autor de estudos sobre peculiares condições do Brasil, os quais ilustram um posicionamento crítico em relação à ciência e à cultura importadas. Intelectuais *independentes* no período foram Gilberto Amado, Martins de Almeida, Virgínio Santa Rosa, Caio Prado Júnior, Nestor Duarte. Os livros desses escritores, respectivamente, Eleição e representação (1931), Brasil errado (1932), O sentido do tenentismo ((1933), Evolução política do Brasil (1933), A ordem privada e a organização política nacional (1939), foram tentativas de diagnóstico dos regimes políticos do país, largamente imunes aos vícios típicos do posicionamento hipercorreto. Entre os intelectuais *confrontivos*, de minha classificação, incluem-se certamente Luís Carlos Prestes, Otávio Mangabeira, Aparício Toreli (o barão de Itararé), e outros”. Alberto Guerreiro Ramos, “A inteligência brasileira na década de 1930, à luz da perspectiva de 1980”. Em: A revolução de 30. Seminário Internacional, op.cit, p.537.

enfermidade, a ignorância e os benefícios que a sociedade poderia usufruir com a incorporação dos avanços científicos em prol da saúde.¹⁶ Educação, ciência e cultura de uma nação à espera de um Estado que as resgatasse em benefício de todos, que as garantisse como patrimônio social. Assim, a construção da sociedade estava pendente da idéia de construção de um Estado que a incorporasse e que sustentasse seu vó em áreas e espaços fundamentais da convivência social.

A experiência de mecenato nos Estados Unidos esteve sempre associada a vários mecenas de artes, portanto, a setores e atores da sociedade civil. Lá, historicamente, o Estado foi mal visto nesses empreendimentos. Nos países da América Latina, ao contrário, o mecenato encontrou no Estado seu maior, mais confiável e legítimo fiador. Entre nós, a retórica de maior envolvimento da sociedade civil, do chamado terceiro setor, na promoção de atividades sociais é recente, e busca ainda, embrionariamente, sua sustentação em um processo que derivou da reforma do Estado em uma direção de menor protecionismo, de fratura do Estado de Bem Estar, fenômeno atribuído ao que, difusamente, vem recebendo o rótulo de neoliberalismo. A reação crítica de grande parte da intelectualidade dos países latino-americanos a esse novo formato de relacionamento confirma a tese de que se está rompendo uma tradição que tinha no Estado o maior financiador, o avalista primeiro do desenvolvimento social. Ao contrário dos Estados Unidos onde “es natural criticar al Estado desde la sociedad, este [sendo] tradicionalmente considerado un mal, aunque necesario”¹⁷, nossa intelectualidade desconfia mais da capacidade, disposição, intenção ou constância dos investimentos que se originam do mundo dos interesses, da esfera privada.

A desconfiança no mundo privado tem seus fundamentos. O mandonismo, o coronelismo, a ganância e o personalismo de que se impregnaram as políticas oligárquicas tradicionais em mãos de caciques voluntariosos, voluptuosos e desprovidos de sentido público, e de um Estado enfraquecido por se constituir nessa forma de negociação, como definitivamente diagnosticou Vitor Nunes Leal no livro clássico *Coronelismo, enxada e voto*, deixaram suas marcas na tradição intelectual

¹⁶ Cf. Luis Antonio Castro Santos, “O pensamento sanitário na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade”, *Dados*, 1985, volume 28, n.2, pp.193-210; Gilberto Hochman. *A era do saneamento – as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo, Anpocs – HUCITEC, 1998; Nisia Trindade de Lima, *Um sertão chamado Brasil*. Intelectuais e representações da identidade nacional. Rio de Janeiro, IUPERJ – REVAN, 1999.

brasileira. O clamor por políticas nacionais pode ser entendido nesse registro como uma saída ao particularismo local, ao privatismo predador. E a crença na eficiência de um modelo de Estado promotor de políticas sociais também tem ressonância na crítica ao modelo tradicional. A construção do Estado Nacional supôs a crítica à Primeira República (1889-1930). Acompanhando os discursos dos intelectuais nas publicações do Estado Novo, em especial, a revista Cultura Política, Angela Gomes trata do processo mental pelo qual aquela geração tratou de construir uma “outra tradição”, e como bem sintetizou, a geração modernista foi “a mediadora da transição que se iniciaria nos anos 20 e se completava nos anos 40. Os modernistas adequavam-se magnificamente bem à tarefa, tanto porque reinstauravam a temática da brasilidade com feições militantes, quanto porque eram os intelectuais disponíveis para o preenchimento dos cargos públicos do Estado Novo”.¹⁸

Os intelectuais brasileiros do final do século XIX e início do século XX leram a modernização do país considerando fortemente a aposta de intervenção do Estado na articulação e/ou moderação de forças sociais. Isso talvez explique que mesmo os liberais, como Anísio Teixeira, tendo como inspiração os Estados Unidos, com forte tradição de desconfiança em relação ao papel do Estado interventor, tenham condicionado a renovação brasileira à ação estatal.

Ordem e progresso, no início do século XX, superaram a aspiração democrática. Foram entendidos como etapas anteriores necessárias a uma discussão da democracia em termos mais confiáveis. As noções de progresso e democracia não caminharam necessariamente juntas. A ciência poderia trazer a chave, e através dela, seriam mais previsíveis e bem sustentadas as noções de racionalidade de procedimentos, de criação de sistemas nacionais nas áreas de política social – saúde, educação, cultura, patrimônio, relações de trabalho, previdência. Assim, a crença na intervenção do Estado e a fé nos progressos da ciência sedimentaram o projeto intelectual de parte significativa da geração do pós-1930 no Brasil. Em um trecho da carta que remeteu a Monteiro Lobato, Anísio Teixeira, intelectual indiscutivelmente associado à democracia e à liberdade, enfatizou:

¹⁷ Mauricio Tenório Trillo, *De cómo ignorar*. CIDE/FCE; México, 2000,

¹⁸ Angela Castro Gomes, *História e Historiadores*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getulio Vargas, 1996, p.139.

“(...) Estamos em cheio na atmosfera que devia dominar a Europa em 1848. À busca ainda de liberdades políticas e liberdades civis! Quando veremos que o problema da organização, e não o problema político, é o que realmente importa? Preparem-se os homens. Criem-se os técnicos. Eles organizarão. Da organização virá a riqueza. E tudo mais, política sã, liberdades etc etc - virá de acréscimo”¹⁹

E foi o próprio Anísio – vítima preferencial do autoritarismo que prevaleceu no governo Vargas – quem recebeu com júbilo, tanto a criação do Ministério da Educação e Saúde em 1930, quanto o convite do então ministro da Educação, Francisco Campos, para que viesse colaborar com o governo na Reforma do Ensino Médio. A tão reclamada atuação do Estado, finalmente, se fazia sentir, afirma Anísio Teixeira em correspondências mantidas em seus arquivos pessoais. Portanto, não chega a ser propriamente surpreendente que, de todos os segmentos da vida inteligente, tenha havido representantes em um governo que se ungia em modelo de intervenção costurado com argumentos de racionalidade, planejamento, combate ao regionalismo, às oligarquias e ao mandonismo local, um Estado moderno, enfim. Por isso, em grande parte, teve a acolhida que teve, nos mais importantes grupos de intelectuais daquela geração.

Falar de intelectuais e poder em um momento da história do Brasil em que a cultura e a política se imbricaram a ponto de conferir à política uma dimensão inteiramente distinta²⁰ é um exercício que exige algumas ressalvas. Se é verdade – como já apontou fartamente a literatura especializada – que foi extensa a participação de intelectuais na montagem dos projetos de ação política para diversas áreas (educação, cultura e patrimônio), na formulação de todo um sistema doutrinário de legitimação do Novo Estado, na definição de um grande projeto de propaganda que passou pelos diversos canais de difusão (imprensa, rádio, cinema e teatro), é verdade também que alguns intelectuais mais que outros foram alvos preferenciais das cobranças que se fizeram depois. Correndo o risco de exagerar, eu diria que poucos despertaram tanta indagação (e talvez fossem tão provocados a “explicar”) sobre a aproximação com o

¹⁹ Carta de Anísio Teixeira a Monteiro Lobato em Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. Salvador: Rio de Janeiro, Fundação Cultural Estado da Bahia/CPDOC/FGV, 1986, p.56.

²⁰ As pesquisas de Lucia Lippi Oliveira, Mônica Pimenta Velloso e Angela Maria Castro Gomes publicadas no livro *Estado Novo. Ideologia e Poder* (1982) são, ainda hoje, referências seminais aos que se interessam pela relação de intelectuais com a formulação de uma política para um Estado que se pretendia novo.

regime autoritário como o poeta Carlos Drummond de Andrade, a ponto de não se poder fazer menção ao mais notório ministério do regime Vargas sem a lembrança incômoda do fiel e permanente chefe de gabinete do ministro Capanema ao longo dos onze anos em que permaneceu no cargo.

A história da aproximação dos intelectuais com o poder na gestão Capanema é uma história cujo traçado é anterior aos tempos de ministério. Um grupo de amigos teve em um momento do tempo, e em um espaço geográfico, o que era preciso para selar o sentido de uma geração. Geração compreendida aqui no sentido que classicamente lhe conferiu Karl Mannheim: uma forma particular de identidade de local que abarca grupos de idade inseridos em um mesmo processo histórico-social. O importante desta formulação é o fato de serem os grupos concebidos como pessoas de idade semelhante que compartilham experiências comuns que os distinguem de seus contemporâneos em outros grupos de idade. É a dimensão de compartilhar socialmente experiências o que confere o significado especial à formulação mannheimiana.²¹ O momento que nos cabe aqui é a década de 1920, e o espaço é a cidade de Belo Horizonte, a cidade capital da primeira geração modernista de Minas Gerais.

Intelectuais de uma cidade

“No mês de agosto, começava a virada das leituras até de madrugada, durante o dia, a cada instante que se tinha livre. Nada de cinemas, Bar do Ponto, negras, perda de tempo...” Assim Pedro Nava nos leva de volta ao ano de 1921, ao seu tempo de estudante de medicina, às estrepolias de juventude e de uma geração de jovens intelectuais, e à juventude de uma cidade, Belo Horizonte, que completava ali seus 24 anos. Beira-Mar cuida dessas viagens no tempo, e nos faz revisitar os amigos da Rua da Bahia. Traz as experiências iniciais de Nava como funcionário público, seu primeiro contato com a burocracia do serviço público, mas traz também as minuciosas descrições de seu trajeto diário da repartição para casa, quando inventava caminhos variados pelas ruas da cidade, no gosto de neles se perder. De novo, a Rua da Bahia e todas as fachadas “que ficaram na minha lembrança como caras de velhos amigos”, diz ele. O

²¹ Excelente síntese sobre a história do conceito de geração pode ser encontrada em Alan B. Spitzer, “The Historical Problem of Generations”. American Historical Review, vol.78, n.5, December 1973, p.1353-1385.

Nava andarilho urbano iniciava ali, na Belo Horizonte dos anos 1920, o que o levaria à exaustão na cidade do Rio de Janeiro, décadas depois. A obsessão de mapeamento de tipos humanos e traçados da cidade foi uma das características mais fortes daquele mineiro-carioca de Juiz de Fora. Em Pedro Nava, é possível dizer que as geografias urbana e humana se cruzaram nas memórias do escritor.

Os rapazes percebiam, aos poucos, a distância que se criava entre suas expectativas intelectuais e o cerco que a provinciana cidade, a nova capital, ainda com ares de arraial, lhes impunha. O esforço de se apresentarem como membros de um ideal de unidade, moderação, prudência e equilíbrio – valores expressos no ideário da mineiridade – correspondia ao esforço de criarem uma imagem de capital, centro cultural e *locus* político capaz de influir nos destinos do estado de Minas Gerais. Os trajetos de Pedro Nava e Drummond simbolizam o trajeto de toda uma geração que, talvez, seja emblemática do insucesso de transformar a Belo Horizonte dos anos 20 na capital cultural, cosmopolita e universalista, como o projeto que o cartesiano Aarão Reis pretendia. Mas os jovens se empenharam. Criavam ambientes que pudessem alimentar o sonho de ser modernos a despeito do arraial. E até a resistência do antigo Curral em ser adestrado em molde urbano foi cantado pelos poetas e escritores. Os “fantasmas” de Belo Horizonte que inspiraram crônicas e poemas, e que ressurgem na deliciosa narrativa de Heloisa Starling, podem ser lidos como a vitória do arraial, da tradição, sobre a pressão e a fôrma modernizadora que se anunciou com a nova capital da razão. Os fantasmas resistem ao tempo e teimam em ali permanecer.²²

O grupo de moços apresentado por Pedro Nava era numeroso para o ambiente ainda interiorano daquela Belo Horizonte dos anos 20: Abgar Renault, Alberto Campos, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida, Gabriel de Rezende Passos, Gustavo Capanema Filho, Hamilton de Paula, Heitor Augusto de Souza, João Alphonsus de Guimaraens, João Guimarães Alves, João Pinheiro Filho, Mario Álvares da Silva Campos, Mario Casassanta e Milton Campos. Formavam o *Grupo do Estrela*, nome do café no qual se reuniam.²³

²² Heloisa Starling, “Fantasmas necessários: a cidade como emblema da modernidade tardia”. Belo Horizonte, 2000, mimeo.

²³ Pedro Nava, “Recado de uma geração”. Prefácio à edição de *A Revista*, fundada em Belo Horizonte em 1925/1926 por Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida e Gregoriano Canêdo.

Desse grupo, Carlos Drummond foi um dos que ficou exposto ao constrangimento de justificar sua permanência e fidelidade ao ministério do Estado Novo. Chegando à capital mineira para fixar residência em 1920, Carlos Drummond logo se aproxima dos “rapazes de Belo Horizonte”. Nenhum dos rapazes era natural de Belo Horizonte, e a razão nos é facilmente revelada: tinham a mesma idade ou, eventualmente, eram mais velhos que a própria cidade inaugurada em 1897. Vinham de cantos diversos, das pequenas cidades do interior de Minas Gerais. Itabira, Dolores de Indaiá, Pitangui, Mariana e Juiz de Fora são as cidades de onde vêm respectivamente, Drummond, Francisco Campos, Capanema, João Alphonsus e Pedro Nava. Este pequeno grupo de intelectuais é representativo da grande dispersão que se formou no povoamento da nova capital mineira. Foi este grupo de homens das letras o responsável por levar Belo Horizonte para as crônicas literárias. É naquele ambiente urbano que uma confraria se formou de “jovens bacharéis, médicos, poetas, jornalistas, ao todo uns quinze ou vinte, não arregimentados, mas influídos por tendências e hábitos comuns – era o que melhor refletia, ao tempo, o gosto mineiro da liberdade, da ironia e da reflexão”.²⁴ Afinal, eram intelectuais, e por isso, talvez, dizia Drummond, inofensivos, pois, “contemplativos”.

Belo Horizonte padecia de limites estruturais concretos para a completa realização do ideal individualista. A saída compensadora estava na ultrapassagem das fronteiras locais, pelo exercício intelectual possível, pela formalização e abstração. O apetite insaciável dos livros, a ansiedade pelas novidades literárias francesas, vindas do grande centro difusor da cultura ocidental, as conversas em torno da criação literária, a liberdade que os diálogos consentiam, tudo isso funcionando como combustível para deleite e prazer daquele grupo especial de jovens que, em pouco tempo, o país conheceria na vida política nacional. Talvez, pela ingenuidade de juventude, aqueles jovens das letras tenham apostado na supremacia da literatura sobre os contextos; na transformação revolucionária das convenções pelo intelecto. E como aprendemos com Francisco Iglesias, jornalista profissional desde jovem, ficava difícil a Drummond abstrair-se da política. “Demais, em Minas os intelectuais foram sempre ligados ao governo, através da burocracia: raro o escritor que não trabalhava em alguma

²⁴ Carlos Drummond de Andrade, “Recordações de Província”. Em: *Passeios na ilha: divagações sobre a vida literária e outras matérias*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1975.

repartição, em geral como secretário particular ou oficial de gabinete do presidente ou um secretário de Estado”.²⁵ O poeta trabalhava no Minas Gerais – órgão oficial dos poderes da administração, uma espécie de Diário Oficial. Um jornal oficial que se deixou atravessar pela literatura, com páginas literárias, artigos de crítica, poemas, crônicas, ensaios filosóficos.

O convite para integrar o ministério Capanema como chefe de gabinete do ministro levaria Carlos Drummond de Andrade ao Rio de Janeiro, em 1934. Drummond chega à capital do país e nela permanece até a morte, em 17 de agosto de 1987. Os tempos de ministério foram aqueles em que aprimorou seu talento de “escriba”, talento concebido e refinado nos tempos de jornalismo no Minas Gerais, jornal do estado ou em gabinetes, como foi sua participação na gestão Cristiano Machado, na Secretaria do Interior, em 1930 e, em seguida, no mesmo serviço, sob a direção de Gustavo Capanema. “Escrevia cartas, discursos para serem lidos por autoridades, entrevistas, artigos de jornal, editoriais, sueltos, sem assinatura, com pseudônimos ou com a assinatura dos figurões do PRM”.²⁶ O convite para o ministério no governo federal não era, portanto, casual ou fortuito. Tinha como antecedente a grande experiência e o estreito vínculo de amizade e de colaboração profissional com oministro Capanema, desde os tempos de atuação política local quando Capanema assumiu a Secretaria do Interior e, assim, a chefia de polícia e se adestrava no figurino desenhado por seu mentor mais ilustre, Francisco Campos. Capanema chega ao ministério da Educação, graças a um acordo estabelecido entre a Igreja Católica, as forças políticas estaduais e o governo central, acordo tecido e conduzido a seus termos por Francisco Campos.²⁷

A geração dos anos 20 teria na confraria um hábito muito cultivado. Contos, crônicas, cartas, memorialística, tudo isso confirma com sinal positivo os ganhos e o prazer com que os intelectuais sorviam aqueles encontros rotineiros que se instituíram como instantes sagrados. O gosto pela confraria fez escola, e atravessou outras décadas, tendo agora outros intelectuais como centro de referência. Continuará a

²⁵ Francisco Iglesias, op.cit., p.6

²⁶ Francisco Iglesias, op.cit., p. 7

²⁷ Cf. Helena Maria Bousquet Bomeny, “A estratégia da conciliação: Minas Gerais e a abertura política dos anos 30”. Em: Ângela Maria de Castro Gomes (coordenadora). Regionalismo e centralização política. Partidos e constituinte nos anos 30. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980.

tradição do encontro, embora tivesse arrefecido o movimento de vinda dos intelectuais para a política. Belo Horizonte dos anos 1950 continuou sendo lembrada como palco de encontro dos mais velhos com os mais novos na crônica de Silviano Santiago. “Na época”, escreve ele, “JK era o governador das Gerais. Os mais velhos foram professores numa mesa de confeitaria (...) Ao transgredirem as regras clássicas do ensino pequeno-burguês, os mais velhos incentivavam os mais novos a transgredirem as idéias convencionais e retrógradas da sociedade mineira”.²⁸ O hábito da conversa nos bares, nas livrarias e confeitarias atravessou décadas e se enraizou como ritual e cultivo da atividade dos intelectuais mineiros da cidade dos modernistas da década de 1920.

Entre a política e a liberdade do espírito

A participação dos intelectuais no ministério Capanema combinou dois tipos de movimento. De um lado, o movimento de resposta ao chamado do Estado para a construção de políticas nas mais distintas áreas da vida social. Reação positiva que pode ser compreendida no marco de construção do Estado de Bem Estar, a que me referi anteriormente. De outro, o movimento de adesão/afastamento, de entusiasmo e recusa, provocado pela tensão que tem na tese de Julien Benda um bom ponto de orientação. As três epígrafes tomadas como tipificações neste texto - as de Pedro Nava, Mário de Andrade e Carlos Drummond - são ilustrativas para se compor um perfil de manifestações oscilantes de enaltecimento ou crítica, uma atuação descontínua, muitas vezes conflituada, indicando a fidelidade parcial de intelectuais com a política. De fora do governo, e olhando de longe, o depoimento de Nava se destaca dos outros dois. Com semelhanças, ainda assim.

A primeira semelhança entre os depoimentos é o tom de sincera amizade, como já alertei de início. A profunda exaltação de que se reveste aquela fala está relacionada com a dimensão moderna atribuída àquele ministério, particularmente, a que diz respeito aos projetos arquitetônicos que teriam aberto ao Brasil as portas da

²⁸ Silviano Santiago, “De passarinhos e formiguinhas”. *Jornal do Brasil*, sábado, 20 de março de 1999.

civilização. Nessa avaliação, Pedro Nava está acompanhado de outros personagens seus contemporâneos, igualmente ilustres. É só lembrar a carta de Lúcio Costa a Capanema, já famosa pelas tantas citações, a propósito da inauguração do edifício do ministério quando diz:

*...Fosse outro o ministro e o edifício não seria este. Foram as suas qualidades e, possivelmente, alguns dos seus defeitos que tornaram esta obra exequível. Nenhum outro homem público, nem aqui nem em qualquer outra parte, teria tido a coragem de aceitar e levar a cabo, em circunstâncias tão desfavoráveis, obra tão radicalmente renovadora...*²⁹

A frase é perfeita. “A alguns de seus defeitos” a que se refere Lúcio Costa é uma referência ao gesto do ministro Capanema que resultou na nomeação do próprio Lúcio Costa como responsável pela construção do edifício do Ministério da Educação, propalado como marco da arquitetura moderna no Brasil. Capanema desconsiderou o resultado do concurso público, aberto para apresentação de propostas do projeto de construção do prédio, e convocou Lúcio Costa que, imediatamente, reuniu junto de si um grupo de arquitetos, todos desclassificados no concurso, para dar andamento ao projeto. É esse grupo inclusive que sugere ao ministro a vinda de Le Corbusier ao Brasil para opinar sobre o edifício do ministério e sobre o projeto da cidade universitária. O depoimento de Henrique Mindlin, arquiteto da geração seguinte, nos mostra que o resultado do episódio superou a condenação ao procedimento:

Em uma atmosfera de indecisão artística generalizada, os prêmios foram dados a projetos puramente acadêmicos, enquanto trabalhos de real valor, dentro de um espírito moderno, apresentados por um grupo de jovens artistas, foram desclassificados. Foi então que se produziu um desses fatos inesperados que muitas vezes mudam o curso da história. O ministro da Educação, Gustavo Capanema, inspirado por uma mistura de visão, audácia e bom senso que o caracterizava, tomou a decisão pessoal que mais contribuiu para o desenvolvimento da arquitetura moderna no Brasil. Apoiado na opinião de vários críticos respeitados, em particular, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Rodrigo Mello Franco de Andrade e Manuel Bandeira, e também na de M. Piacentini, arquiteto italiano que vinha colaborar no projeto da Cidade Universitária, Capanema depois de premiar os ganhadores, pediu a Lúcio Costa, um dos desclassificados, que apresentasse um novo projeto. A pedido deste, o convite foi estendido aos outros arquitetos desclassificados. Formou-se então o

Caderno Idéias/Livros, p.5.

²⁹ Lúcio Costa, carta ao ministro Capanema, datada de 3 de outubro de 1945. Arquivo Gustavo Capanema, CPDOC, Fundação Getulio Vargas.

*novo grupo composto por Carlos Leão, Jorge Moreira e Affonso Eduardo Reidy, ao qual logo se juntaram Oscar Niemeyer e Ernani Vasconcellos...*³⁰

Os depoimentos de Nava e dos arquitetos Lúcio Costa e Henrique Mindlin se beneficiam, portanto, de um consenso que se forjou no ambiente da arquitetura brasileira a respeito de um projeto que teria inaugurado um movimento moderno de visibilidade para o país. Intelectuais e poder, neste caso, estão perfeitamente sintonizados ou, por outra, o poder não só não criou constrangimentos aos intelectuais como, ao contrário, criou as condições para o florescimento da atividade intelectual materializada no projeto da arquitetura moderna no Brasil. As epígrafes assinadas por Carlos Drummond e Mário de Andrade registram outra face da mesma relação com o poder: a intranqüilidade com relação aos procedimentos a que estavam submetidos como intelectuais imersos que estavam na dinâmica da burocracia e do governo central.

As reações, como disse, foram variadas. As cartas dirigidas ao ministro são uma fonte inestimável para capturarmos a ambigüidade do casamento entre homens do espírito e rotinas do poder. As cartas de Mário de Andrade são exemplares do impacto que a impessoalidade burocrática exerceu sobre a sensibilidade do modernista:

*“...as minhas vontades de bem servir se quebram com a lembrança do que é a burocracia didática deste nosso país. Já tive experiência tão dura disso com a reforma do ensino do Instituto Nacional de Música, na qual tomei parte por convite do então ministro Francisco Campos... Trabalhamos juntos, heroicamente, Luciano Gallet, Sá Pereira e eu. Pra quê? Pra o nosso ingenuíssimo idealismo se destruir todinho ante um organismo burocrático irremovível...”*³¹

A luta foi grande porque Mário de Andrade, ao contrário de Drummond, sentia-se provocado positivamente por qualquer chamado que acenasse para a formulação de projetos, de políticas, criação de um órgão capaz de preservar a cultura e valorizar o patrimônio cultural brasileiro. Sua correspondência com o ministro Capanema é o espelho dessa gangorra entre a compulsão por fazer e o duelo

³⁰ Henrique Mindlin, *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro, Aeroplano Editora, 1999, p.27.

³¹ Carta de Mário de Andrade a Capanema em 30 de abril de 1935. Arquivo Gustavo Capanema, CPDOC, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro.

incontornável com a emperrada máquina burocrática a conspirar contra qualquer idéia, projeto ou causa.

O tom da correspondência de Mário de Andrade a Capanema é de cansaço, dificuldades financeiras insuperáveis e impaciência com procedimentos de burocracia. Em uma única correspondência manifestou sua discordância com a decisão política do governo, quando do fechamento da Universidade do Distrito Federal (UDF), em 1939. Escreve duramente ao ministro Capanema:

*... não foi o menor destes reveses a destruição da UDF. Não pude me curvar às razões dadas por você para isso; lastimo dolorosamente que se tenha apagado o único lugar de ensino mais livre, mais moderno, mais pesquisador que nos sobrava no Brasil, depois do que fizeram com a Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo. Esse espírito, mesmo conservados os atuais professores, não conseguirá reviver na Universidade do Brasil, que a liberdade é frágil, foge das pompas, dos pomposos e das pesadas burocracias...*³²

As cartas de Mário de Andrade eram endereçadas do Rio de Janeiro, cidade sede do poder federal, onde estava em uma espécie de exílio. A aproximação epistolar foi sempre um recurso eficaz ao missivista compulsivo, pessoa frágil e de extrema sensibilidade como era o modernista paulista. A carta em que se despede, pedindo autorização do ministro para liberá-lo de volta a São Paulo, depois de um “exílio” no Rio, é onde se dimensiona em toda a correspondência a extensão da fidelidade do modernista à vida do espírito.³³ Tudo havia permanecido em São Paulo, uma biblioteca pessoal com mais de dez mil livros, o acervo pessoal de obras de arte que já era importante à época, seu ambiente urbano, as músicas, os pianos, tudo que o identificava e o alimentava. Afora, o principal:

*Faz três anos que vivo assim pela metade, sem continuar meus estudos nem terminar meus livros pela falta do que ficou lá. A bem dizer não fiz nada de útil nestes três anos, ou pelo menos, nada que me iluda em minha possível utilidade, e acabei adquirindo uma consciência muito firme de que estou me desmoralizando. E não posso mais suportar esta consciência de desmoralização pessoal que está me perseguindo há vários meses...*³⁴

³² Carta de Mário de Andrade a Capanema em 23 de fevereiro de 1939. Arquivo Gustavo Capanema, CPDOC, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro.

³³ As cartas de Mário de Andrade no período do “exílio” no Rio foram reunidas por Moacyr Werneck de Castro e publicadas como livro, *Mário de Andrade. Exílio no Rio*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989, 237 p.

³⁴ Carta de Mário de Andrade ao ministro Capanema em 4 de maio de 1942. Arquivo Gustavo Capanema, CPDOC, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro.

A presença de Drummond é mais silenciosa, mas nem por isso mais alheia. Presença recatada, nas raras e sempre enviesadas aparições públicas, e silenciosa, na ausência de cartas – “a minha incurável incapacidade epistolar”.³⁵ Mas a maneira como alguns dos missivistas se referem ao poeta chefe de gabinete nas cartas dirigidas ao ministro indica a intimidade, a naturalidade com que acabou se pondo naquela rotina de procedimentos na gestão política. Os intelectuais, arquitetos, escritores que escrevem a Capanema incluem “Carlos” como uma extensão do ministro. “Apenas lhe peço me avisar por uma palavrinha sua ou do Carlos...” (Mário de Andrade); ...”peça ao Carlos que me explique o que você quer...” (Mário de Andrade); “meu caro Capanema: um grande abraço para você, outro para Carlos...” (Gilberto Freyre).³⁶ Com destreza e quase espontaneidade, Drummond cumpria o trajeto da geração de oficiais de gabinete.

A primeira geração modernista mineira foi uma geração de funcionários públicos, de oficiais de gabinete. O próprio Drummond se auto-classificou como “poeta-funcionário”, “o inconvicto escriba oficial”, e a ele muitos outros se seguiram, ou no governo de Minas ou em sua vinda para a capital federal pelas mãos do ministro Capanema. Os intelectuais mineiros estiveram à frente da montagem de uma política sobre o patrimônio histórico e artístico nacional, de uma reforma educacional que permaneceu intocada até a Lei de Diretrizes e Bases de 1961, além de terem se espalhado por um sem-número de institutos e centros de administração pública da capital federal. O legado de um funcionalismo público integrado por intelectuais, literatos e poetas – traço característico do Brasil dos anos 30 – teve em Minas e, em especial, em Belo Horizonte, um celeiro fértil. Os auxiliares foram capturados naquele reduto de juventude interiorana. A combinação de jovens do interior com o *ethos* de funcionário público força o pêndulo do tradicionalismo para o lado dos próprios intelectuais. Ao lado da irreverência de seus vinte e poucos anos marchava a rotina da estabilidade pública oficial, mantendo sob o termômetro da regularidade os impulsos desbravadores do rompimento das convenções. Mas a combinação de literatura com

³⁵ Carta de Drummond a Capanema, Arquivo Gustavo Capanema, CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

³⁶ Frases das cartas ao ministro depositadas no Arquivo Capanema, CPDOC, Rio de Janeiro.

funcionalismo público foi traço de um grupo muito mais extenso do que aquele dos intelectuais mineiros.

Observe-se que quase toda a literatura brasileira, no passado como no presente, é literatura de funcionários públicos (...) Há que contar com eles, para que prossiga entre nós certa tradição meditativa e irônica, certo jeito entre desencantado e piedoso de ver, interpretar e contar os homens, as ações que eles praticam, suas dores amorosas e suas aspirações profundas – o que talvez só um escritor-funcionário, ou um funcionário-escritor, seja capaz de oferecer-nos, ele que constrói, sob a proteção da Ordem Burocrática, o seu edifício de nuvens, como um louco manso e subvencionado...³⁷

A permanência de Drummond no ministério, ao longo de toda a gestão, foi marcada por assídua e sempre discreta participação no que lhe cabia como ofício e talento – assessor direto do ministro e escriba. Em um episódio – o que rendeu a epígrafe que está neste texto - teve a prova do conflito entre a fidelidade ao espírito, aos seus próprios valores, e o compromisso com a política. Recusando-se a comparecer a uma conferência sobre o “anti-comunismo”, proferida pelo amigo Alceu Amoroso Lima, o poeta funcionário escreve ao ministro pedindo-lhe que lhe dispense do cargo de chefia de gabinete por não considerar correta e aceitável a recusa de um chefe de gabinete à participação em solenidade promovida pelo próprio ministério. Capanema certamente desconsiderou a solicitação, e ambos se entenderam, como o tempo de permanência de Drummond no ministério acabou confirmando.

A passagem de Mário de Andrade acabou se prolongando na memória e, institucionalmente, através da política de preservação do patrimônio. Mário de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade ficaram indissociavelmente ligados ao estabelecimento de um projeto de preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. Em certo sentido, é possível aproximar a avaliação que os intelectuais formularam a respeito da arquitetura no Brasil de Capanema da avaliação que acabou prevalecendo sobre a construção de um órgão especial para cuidar do patrimônio, ambos os projetos ligados ao que ficou consagrado como iniciativas do Estado em favor da modernização do país e da valorização da cultura nacional. Carlos Drummond daria suporte a todas as áreas envolvidas na política ministerial, mas ficou mais associado a esse grupo de intelectuais que se mobilizou nessas duas áreas mencionadas.

³⁷ Carlos Drummond de Andrade, Passeios na ilha, citado em Francisco Iglesias, op.cit., p.8

Inclusive, concluídas as funções no ministério, Drummond permanecerá, até a aposentadoria no Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Esses são, me parece, os argumentos que levaram Regina da Luz Moreira a concluir que, “nas letras e nas artes plásticas, Capanema procurou colocar-se acima das disputas políticas e ideológicas que agitavam o país. Assessorado por seu chefe de gabinete, o poeta Carlos Drummond de Andrade, cercou-se de uma equipe diversificada, integrada, entre outros, por Mário de Andrade, Cândido Portinari, Manuel Bandeira, Heitor Villalobos, Cecília Meireles, Lúcio Costa, Vinícius de Moraes, Afonso Arinos de Melo Franco e Rodrigo Melo Franco de Andrade”.³⁸

A área da educação nos expõe a uma realidade muito distinta. E talvez possamos compreender esta distinção por ser a educação uma área que define a orientação de mentalidades, interfere na eleição de valores. Naquele momento da política nacional, esperava-se que a educação inspirasse o que deveria ser “o homem novo” para um “Estado Novo”, como dizia Capanema, em eco às falas do próprio Presidente Vargas. As disputas entre projetos, o embate de idéias tem no campo da educação seu espaço de luta mais publicamente conseqüente. E na educação podemos acompanhar, de forma mais radical, o movimento de adesão e expulsão, incorporação ou reclusão a que intelectuais como Anísio Teixeira exemplificaram com a própria vida pública.

O esteticismo arquitetônico e o culturalismo envolvido na preservação da memória e do patrimônio nacional têm seu contraponto em uma sociologia da educação repleta de avanços, recuos, intervenções dos mais distintos atores, e das mais contrafeitas ideologias. Este é o último ponto que gostaria de detalhar um pouco mais.

As obras de arte como que absolvem fidelidades escusas às políticas públicas. Desafiam a perspectiva funcionalista de pensar a relação dos intelectuais com o poder. As obras de arte têm o dom de desarrumar esse esquema. O talento de Villalobos se sobrepõe às imagens produzidas no marco do Estado Novo, reveladoras de sua intimidade com o poder. Os versos de Fernando Pessoa são mais fortes (e mais independentes) que a lembrança de sua propalada simpatia pelo fascismo. A música de

³⁸ Regina da Luz Moreira, Texto de apresentação do Inventário Capanema. Em: Regina da Luz Moreira (org). Arquivo Gustavo Capanema. Inventário Analítico. (Patrocínio do Ministério da Cultura e da Fundação Vitae). Rio de Janeiro, CPDOC, 2000, p.14.

Wagner ganha autonomia e acaba superando a associação, sempre cobrada, e profundamente inquietante, de sua aproximação com Hitler. É como se a arte fosse maior que a política em sua permanência, transcendência, atemporalidade, em sua insuperável capacidade de emocionar, e em sua não submissão às contingências e conjunturas. A obra de arte não é feita para ser superada, disse Max Weber, na distinção que fez entre arte e ciência, uma distinção que, neste caso, pode ser estendida como distinção entre a arte e a política. E talvez seja por isso, que o incômodo das acusações contra as adesões de artistas, poetas, escritores, músicos com a política seja denunciado e fortalecido mas, ao mesmo tempo, seja também alvo de reação dos que se apegam mais à arte do que ao criador. A defesa da arte minimiza o constrangimento dos vínculos de seus criadores com programas, projetos, ideologias e políticas criticáveis. É a arte, em sua transcendência e imortalidade, e não os seus criadores, como mortais, que está sendo absolvida. É como se, absolvendo-a, absolvemos cada um de nós que nos mantemos seus amantes a despeito das traições ou das infidelidades, como quis Julien Benda, de seus criadores.

Os intelectuais da educação não gozam dessa mesma chance de absolvição. Intelectuais, criadores e política agora se confundem, porque as idéias, as formulações, implicam implementação, implicam o xeque do mundo real, implicam, sobretudo, quando materializadas, em interferências diretas nas rotinas das pessoas. Reorientam condutas e procedimentos. Conduzem ações ou interceptam projetos, na concepção ou em pleno curso. A própria formulação é confrontada com outras perspectivas concorrentes, outras concepções, outras vias de execução, outras ideologias. Clarice Nunes, em um dos trechos do texto em que analisa o debate educacional nos anos 1930 deixa a questão bem posta:

Os educadores profissionais não estavam sós no espaço real que ocuparam, procurando construir sua identidade e organizar a cultura, a educação, o Estado e a sociedade. Tiveram concorrentes, e esses outros também estavam formulando projetos e propostas, abrindo espaços, fazendo ou não alianças com o poder constituído. Os educadores profissionais e seus opositores e aliados, mesmo que temporários, ocuparam posições num campo de possibilidades, e seria tarefa inútil definir a sua luta e o que ela representou sem definirmos a

*luta dos concorrentes e o significado que ela assumiu para eles próprios, dentro do mesmo campo.*³⁹

Quem concorre com os versos de Drummond? De Cecília Meireles? De Manuel Bandeira? Com as composições de Heitor Villa-Lobos? Os traços de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer? Os desenhos de Portinari? Por que ter que escolher entre um e outro? Em que manual de convivência humana está posto que a adesão a uma das formas de manifestação artística supõe a exclusão ou a redefinição de outra? O mundo da arte é, assim, por definição e natureza, essencialmente plural e livre. E o que mais nos instiga e inquieta: independente e autônomo a qualquer entrega e à contingente copulação com o poder. Olhar retrospectivamente intelectuais e Estado Novo, sensibilidades e autoritarismo – reconstruções delicadas em seus muitos tropeços – me fez voltar ao sentimento que Gilberto Freyre traduziu magistralmente em sua viagem pela vida colonial em *Casa Grande & Senzala*: “É um passado que se estuda tocando em nervos, um passado que se emenda com a vida de cada um”.

³⁹ Clarice Nunes, “O Estado Novo e o debate educacional”. Em: Marcos Cezar de Freitas (org). Memória intelectual da educação brasileira. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco/EDUSF, 1999, p.34.

ELECTIVE INFIDELITIES: INTELLECTUALS AND POLITICS

Helena Bomeny¹

(...) Irrespective of my friendship for you and of the liberties I take with you, it is always certain that in front of you I never forget the minister, which frightens me, makes me smaller and inferior. This, by the way, drives me mad and is the reason why I always shy away from highly placed personalities. From a distance, by letter, I can explain myself better, and tend to agree less. (Mário de Andrade, 02. 23.1939)

(...) It is true that I have always collaborated with the friend (and only a friend, by the way, could forgive the impertinence that usually surrounds my collaboration) and not with the minister, or the government, but it would be impossible to dissociate these entities and, were I able to do so, this might serve as an excuse for me, but would not benefit the minister ... (Carlos Drummond de Andrade, 03. 25.1936)

If it is no longer possible to address education and culture in Republican Brazil without mentioning the Gustavo Capanema ministry (1934-1945), it is not possible either to think of the relationship between intellectuals and power without reference to Julien Benda's (1867-1956) *La Trahison des Clercs*, a book that has already become a classic on this issue. "Until today", confirms Michel Winock, "*La Trahison des Clercs (Treason of the clerks)* continues to be an emblematic book, debatable and debated, sometimes vehemently, but a mandatory reference for all reflection and history concerning the role of intellectuals in the State".²

Julien Benda's book addresses a key problem of contemporary culture: the relationship between politics and spiritual life. To think of this issue is to think of the meaning of the word *clerc* (clerk) for the author. Making no distinction between lay people and people of the frock, Benda takes the term in its broader sense: *clerics* are all those who do not aim at a practical, short-term result, all those who maintain the cult of Art and pure Thought, who take joy from spiritual pleasure: "In a way they say: My Kingdom is not of this world. And in fact, for more than two thousand years, until recent days, I perceive throughout history, an uninterrupted chain of philosophers,

¹ Sociologist, researcher at the CPDOC (Center of Historic Research and Documentation) of the Getúlio Vargas Foundation and Professor of Sociology at the University of the State of Rio de Janeiro

religious people, literati, artists, sages ... whose movement is a formal opposition to the realism of the crowd”.³ The *clerc* is a kind of loner, free from the passions that drive ordinary people such as love of family, race, country and the passion of class: he/she is the eternal champion of universal truth and in his/her quest no compromise is ever entertained. They are Witnesses of the Spirit, and could not care less whether their individual testimony is up-to-date or not, effective or not. Throughout history, the noble theory of the *clercs* worthy of the name has advanced: Plato, Saint Thomas Aquinas, Leonardo da Vinci, Malebranche, Spinoza and, above all, Socrates, “the perfect model of a *clerc*”.

Indeed, by his presence alone, the *clerc* is a factor of disturbance to the State: His/her mission is to protest against all spiritual lessening, even if demanded in the name of the Homeland. Loyal to their essence, the *clercs* affront the realism of States, which, thus confronted, are less faithful to their own essence and make them drink hemlock. For Benda, the treason of intellectuals starts on the precise moment they enter the shifting arena of history, a moment when they surrender the universal values of the spirit – truth, justice and freedom – to the irrational powers of instinct, to the spirit of the people, of the institution, etc. The *clercs*, whether intellectuals, philosophers or literati, defined as secular clerics must, according to Benda, maintain those universal values against the intrusion of the political spirit of their time. Who else could so do, since lay people are necessarily involved in action and mundane passions? Here we have a strict humanist rationalism resisting the siren-song romantic spirit of the people. Today, however, it is no longer so. Moved by the desire for money, power or by a romantic sensuality, modern *clercs* fail to place disinterested values at the top of spiritual hierarchies. They became agents of the temporal. Although he does not ignore, throughout history, the infidelities of *clercs* to their mission, Benda is concerned rather in stressing the overall trend of contemporary intelligence to join the lines of the infidels. Intellectuals no longer renounce the temptation of placing themselves at the service of their political passions. The *clercs*’ is a spiritual treason: it consists less of committing themselves to a political action than in pretending that it is fair to direct

² Michel Winock, *O século dos intelectuais*. [Le Siècle des Intellectuels Paris, Seuil, 1997, 696 p. Portuguese translation by Eloá Jacobina Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000, 896p, p.248.]

intelligence towards immediate, worldly triumphs. And in this turnabout of the purity of intelligence of the spirit, Benda blames Germany for being, in Europe, the country that introduced the religion of the rational soul, of race, the cult of force, the apology for war, the nationalist philosophies of history. The treason of the *clerics* is, in fact, linked to the crisis of sensitivity that pervaded Europe in the last two hundred years: it is a romantic malady, a consequence of the preference of sensitivity over reason, of the visible over the invisible, the carnal over the spiritual.

Taken to the limit, Julien Benda's thesis could result in a radical separation between the realms of life and thought and denial of any possible influence of the latter over the former. But this is not so. Benda himself sustained the links with the world of life and the influence over day-to-day processes, providing the ideals of justice were preserved. Whenever they kept themselves as "officiants of abstract justice", removing their exercise of intelligence from the passion for some terrestrial object, intellectuals did not betray. The publication of the book, in 1927, had a very clear direction. It challenged many contemporary intellectuals and writers, bringing to the surface the problem of the entire 19th Century intelligentsia and the generalized influence of a philosophical doctrine such as pragmatism.

Criticized as extemporaneous, Julien Benda's book would end up being an elegy to the old Greek and classic intellectualism. The *La Trahison* thus joined a rather widespread current of the spirit after World War I, illustrated by Gide's theory of unselfishness and Jacques Rivière's "demobilization of literature". And the most recurring criticism of the book is that the author does not take into account the profound transformations of modern society, the pressures of political and economic demands on the personality, a pressure never known before. Michel Winock mentions the scathing criticism of Albert Thibaudet, in June 1928, published in the *NRF*, a French magazine acknowledged as belonging to the literary right, in which he says: "What transpires in Benda is Israel's prophetism. The wise man is a man of the desert, taking his nourishment from locusts and wild honey and announcing: Shame! Shame on the cities and States. Actually, the story of the wise man unfaithful to his mission is in the Bible.

³ Julien Benda, from Michel Winock's, *O século dos intelectuais*, op.cit. p.248-257 Brasil, 2000, 896p. (Second part, Chapter 21, "A traição dos intelectuais", pp.248-257.

It is the story of Jonah”.⁴ Winock himself advances his comment on Benda’s thesis to soften the author’s intention. Benda does not wish the wise to rule the world. The kingdom of philosophers could only exist if human things were no longer human and became divine. “All he wishes is that the religion of wise man is understood so that no one can surrender to human passions without a bad conscience”. And “it is precisely there that the new spiritual wise men of the West fail, where they betray their mission telling men: *be loyal to the land*”.⁵

Anyway, whether criticized or more accepted, partisan to an idealism that is meaningless in the urbanized and industrialized world, not only did Benda’s book become an almost mandatory starting point for those who follow his concern with unraveling the representations of the intellectuals – as Edward Said in his *Representations of the Intellectual* – but also a reference among intellectuals themselves, in the reflections, answers or justifications for their form of political participation. One might say that the impact of Benda’s thesis corresponds to uneasiness typical of the intellectual world: independence and distancing of thought from the forms of its appropriation by politics. This is the key whereby I can understand Drummond, the poet,⁶ when he says that, since they are “contemplative”, intellectuals are harmless, i.e., there would be no correspondence between the questions and inquiries of the mind, typical of the spirit, and intervention in the world of actions.

In Brazil of the Vargas era, the dilemma of participation by intellectuals in politics had one of its memorable moments in the Capanema ministry, which concentrated a good portion of the examples that are always recalled to address the never peaceful relationship between intellectuals and politics. How can we understand the assent of some, and the reclusion imposed on others?

⁴ From Michel Winock, op.cit., p.256.

⁵ Winock, op.cit.,p.256.

⁶ Reputedly the greatest contemporary Brazilian poet, Carlos Drummond de Andrade was born in Itabira do Mato Dentro, Minas Gerais, in 1902. Since 1930, when his first book was published, Drummond’s fame as one of the greatest lyric Brazilian poets of all times never stopped growing. Some of his most important books are *Alguma Poesia* (1930); *Brejo das Almas* (1934); *Sentimento do Mundo* (1940), and *Rosa do Povo* (1945). His lengthy correspondence with Mário de Andrade, the paramount figure among Brazilian modernists, has been published in *Lições de Amigo*, a work where the reader can follow, in a wealth of details, the courses and the tensions that marked the modernist movement in Brazil.

Intellectuals in the Cabinet

(...) *The consequences of what he [Capanema] did are incalculable. Follow my reasoning. Without the Ministry of Education building (which at the time was received as the work of a madman) we would not see Lucio Costa, Niemeyer, Carlos Leão and Cândido Portinari stand out as they did. They were understood by Capanema and his close assistants (Drummond, Rodrigo, Mário de Andrade and others). Without this understanding, we would not have Pampulha, whose architectural and landscape conception was valued by the immense Kubitschek. Without Pampulha we would not have had Brasília, of the same Juscelino Kubitschek, which turned the course of our history – leading Brazil to its western frontiers. The roots of all this, the generating seed, the nourishing fertilizer, are in the intelligence of Capanema and his assistants. (Pedro Nava)*⁷

Playing with the opening words of this text, I reiterate: If it is no longer possible to speak of education and culture in Brazil without mentioning Gustavo Capanema – Minister of Education from 1934 to 1945 – it is also impossible to remember that ministry without reference to the intellectuals that composed the so-called Capanema constellation. The memory of their participation in government has been recovered with an uneasy feeling because we must consider this period as part of the Estado Novo (New State - 1937-1945), a milestone of authoritarian rule in Brazil. How much did these intellectuals consent in the setting up of authoritarianism? How much of the political restrictions and curtailment of freedom did they accept? A wide range of associations and responsibilities has been considered. Sérgio Miceli's *Intelectuais e classe dirigente no Brasil* (Intellectuals and the Ruling Class in Brazil) (1920-1945), published in 1979, became an icon of this type of questioning.⁸ Actually, the relationship between intellectuals and power has been a life-long program of work for Sérgio Miceli. His latest book *Intelectuais à Brasileira* (Intellectuals Brazilian Style), reviews old studies, confirming them in the methodological perspective to which he has committed himself throughout twenty or so years of research.⁹ In a different tone, *Tempos de Capanema* (Times of Capanema) also addressed the tension between the

⁷ Letter to Helena Bomeny dated January 21st 1983.

⁸ Sérgio Miceli, *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo, Difel, 1979.

⁹ Cf.: Sérgio Miceli, *Intelectuais à brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, 436pp.

action of the intellectuals and government decisions in that ministry.¹⁰ My own book, *Guardiães da Razão* (Guardians of Reason), centers on the action of the modernist intellectuals from Minas Gerais in national politics, which forced me to address the difficulties imposed on this particular group by the workings of the processes of institutionalizing the State and the day-to-day tension in these relations.¹¹ More recently, the book organized by Ângela Castro Gomes, *O ministro e seu ministério* (The Minister and his Ministry), returns to the same theme, a theme that ended up as a permanent reference in the studies reviewing this particular context.¹²

At the core of this period of unquestionable patronage of Brazilian politics was a group of intellectuals from the most varied fields and social backgrounds. It is true that hindsight benefits these later studies, but it also involves a risk: a distant viewpoint may lead to oversimplifying since subsequent developments are already known. Or, as Bolívar Lamounier so appropriately put it: “Basically, what one projects on the past is an aspiration, a desire that occurs at a later time. Therefore, one could perhaps say that the interpreter positions him/herself as a creditor of the past, not a debtor as befits the historian”.¹³ The resulting associations prevent the analysis from considering elements that could add new shades of meaning and compose the dynamics of tensions – as well as conflict – that this type of adherence implies. What became known later guides the interpretation of what happened before. The past is then viewed in the colors of a future that is already present at the time its recovery is attempted.

This remark should not be understood as an excuse or as an indication either of total unawareness or detachment of the players regarding the processes they were involved in. Simon Schwartzman is absolutely right when, commenting the participation of Carlos Drummond de Andrade in the Estado Novo cabinet, he says: “To

¹⁰ Cf. Schwartzman, Simon; Bomeny, Helena Maria Bousquet e Costa, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra (1984), 1st Ed. There was a 2nd issue in 2000, e co-edited by Editora Paz e Terra and Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

¹¹ Cf. Helena Bomeny. *Guardiães da Razão*. Modernistas Mineiros. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; São Paulo: Tempo Brasileiro, 1994.

¹² Cf. Angela Maria de Castro Gomes (org). *O ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas; Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

¹³ Bolívar Lamounier, comments at the panel on post-1930 intellectuals and culture of the September 1980 seminar organized the CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação Histórica da Fundação Getúlio Vargas, in “A Revolução de 30. Seminário Internacional” (The Revolution of 1930. International Seminar) in *Coleção Temas Brasileiros*, volume 54. Brasília: Editora da UnB, sponsored by Fundação Roberto Marinho, 1982, p.551.

justify Drummond's uncomfortable presence in this ministry simply by his friendship [with the Minister], or to say that his was merely a bureaucratic and administrative activity is to belittle his intelligence and values..."¹⁴ His caution forces us to broaden the horizons of the field, expanding our interpretation to other dimensions, one of which places the invitation from the higher echelons of government and its acceptance by the intellectuals in the context of what has been widely acknowledged in the specialized literature as the construction of the Welfare State. In Brazil this is associated with the Vargas Era. This is a point that drew the attention of other researchers delving into the 1930's. As an example, I would like to quote from Lucia Lippi Oliveira's "As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado" (Roots of order: intellectuals, culture and the State)

In its complex web of "tradition" and "modernization", the Estado Novo had a substantial appeal to the Brazilian intelligentsia. Many who left modernism – both among those who joined the radical movements of the 30's and those who remained linked to traditional parties – ended up in a common stream involved in the project of construction of the national State. Modernist literati, integralist^{N do} politicians, positivists, Catholics, socialists can be seen working side by side..."¹⁵

This movement, however, was not restricted to Brazil. On the contrary, it pervaded all of Latin America. The erection of a national State aimed at establishing policies to protect important spheres of social life – education, health, culture, the arts and architecture, national heritage, administration, etc. – justified the demand for experts, thus involving intellectuals from various fields and giving opportunities to enlightened and outspoken individuals or, as Guerreiro Ramos puts it, *pragmatic critics*, capable of suggesting and designing initiatives for all the above mentioned fields. The admission and the activity of those intellectuals and enlightened individuals differ in more than style, as they inform on the diverse fields of policy conception and adherence to values. Guerreiro Ramos' categorization, which I quote in a footnote, reveals the

¹⁴ Simon Schwartzman, "A transição mineira" (the "mineira" – from Minas Gerais – transition). Reviewing Francisco Iglesias' "História, Política e Mineiridade em Drummond" (History, Politics and mineiridade – the quality of "mineiro" – in Drummond)– Some Poesy", Rio de Janeiro, Fundação Cultural Banco do Brasil, April 24 1990, mimeo, p.2.

^{N do T} *Integralismo* was a political movement inspired by Fascism.

¹⁵ Lucia Lippi Oliveira, "As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado". Em: *A Revolução de 30. Seminário Internacional*, op.cit., p.508.

complexity of the relationship between intellectuals and politics in the 1930's.¹⁶ This small exercise will help us to understand the substantial number of intellectuals that accepted the call of government at that time.

If we go back to the 1920's, we will understand the prompt response of so many intellectuals to the calls from the post-1930 state bureaucracy. In the field of education for instance, we will see hordes of reformers in almost all states of the federation. Pioneers in the defense of a national education system, they viewed mass illiteracy as a sign of Brazil's backwardness, and claimed a federal policy in favor of education. Their criticisms are well known: Brazil was hostage to the voluptuousness and voluntarism of local elites; Brazilian education held hostage by elitism, the unpredictability of investment, the carelessness of its rulers. The country needed a State policy that would ensure access and the basic right to lay and free public education. And above all, projects in this sector lacked planning, organization, reliability and regularity.

Turning to culture, all we need to do is follow Mário de Andrade's journeys through the country, collecting, cataloguing, classifying and valuing both symbolic and material heritage for the purpose of highlighting Brazilian originality – evidence of which could be found in all regional corners – in a Herculean effort to ascribe a meaning to them and to defend the development of a national policy to preserve our cultural heritage: Only the State could have sufficient resources to implement such a national policy of memory and historic heritage preservation.

¹⁶ “Among the *core* names of the intellectual scene in the 1930's, representative of the critic pragmatism, some individuals stand out, such as Francisco Campos, ideologue of the Estado Novo legality; Gustavo Capanema, who, as Minister of Education, not only presided over the institutional reform of education, but also acted as mediator between the Estado Novo and writers that resisted longer the appeals from the establishment; Lindolfo Collor and Agamenon Magalhães, who markedly influenced the new labor and union organization laws. As theoreticians, rather than as politicians properly, Oliveira Viana and Azevedo Amaral are also included in the *core* gallery, each one having authored studies on peculiar Brazilian conditions that reveal a critical position vis-à-vis imported science and culture. Gilberto Amado, Martins de Almeida, Virgínio Santa Rosa, Caio Prado Júnior, Nestor Duarte were *independent* intellectuals in this period. The books they wrote, respectively *Eleição e representação* (1931) (Election and Representation), *Brasil errado* (1932) (The wrong Brazil), *O sentido do tenentismo* (1933) (The meaning the Lieutenant movement), *Evolução política do Brasil* (1933) (Political Evolution of Brazil), *A ordem privada e a organização política nacional* (1939) (Private order and the national political organization) were attempts at diagnosing the country's political regimes that largely averted the typical sins of the hypercorrect positioning. Among the *combative* intellectuals in my categorization I certainly include Luís Carlos Prestes, Otávio Mangabeira, Aparício Toreli (the Baron of Itararé), and others”. Alberto Guerreiro Ramos, “A inteligência brasileira na década de 1930, à luz da perspectiva de 1980”. (The Brazilian intelligentsia in the 1930's viewed in a 1980 perspective”. In: *A revolução de 30* International Seminar, op.cit, p.537.

If we shift our gaze to science, our companions on this journey into the past will now be the physicians and sanitarians, who – since the 1910's – had been diagnosing the increasing, yawning gap in Brazil between disease, ignorance and the benefits that society could reap from the incorporation of scientific progress in favor of health.¹⁷ Education, culture and science of a nation waiting for a State that would release them for the benefit of all, which could ensure they would become a social heritage. Hence, the construction of society was pending the construction of a State that would incorporate it and sustain its flight into key areas and spaces of social interaction.

In the United States, the experience of patronage had always been associated with various sponsors of the arts, hence to sectors and players of civil society. Historically, State intervention in such endeavors had not been welcome. In Latin America, on the contrary, patronage found in the State its strongest, most reliable and legitimate sponsor. Here, the rhetoric of a greater involvement of civil society, or the so-called third sector, in the promotion of social activities is rather recent and embryonic. It still seeks support in a process derived from the reform of the State towards lower protectionism, from the rupture of the Welfare State – a phenomenon attributed to what is being diffusely called neoliberalism. The widespread critical reaction among Latin-American intellectuals to this new format of relations validates the thesis that we are undergoing the rupture of a tradition that held the State as the largest sponsor, the first guarantor of social development. Contrasting with the U.S., where “it is natural for society to criticize the State, since this has traditionally been considered an evil, albeit necessary”¹⁸, our intelligentsia have greater distrust in the capacity, willingness, intention of regular investments originating from the world of interests, the private sphere.

¹⁷ Cf. Luis Antonio Castro Santos, “O pensamento sanitaria na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade” (Sanitarian thought in the First Republic: an ideology of nationality construction”, in *Dados*, 1985, volume 28, n.2, pp.193-210; Gilberto Hochman. *A era do saneamento – as bases da política de saúde pública no Brasil* (The era of sanitation – the foundation of public health in Brazil). São Paulo, Anpocs – HUCITEC, 1998; Nisia Trindade de Lima, *Um sertão chamado Brasil – Intelectuais e representações da identidade nacional* (A hinterland named Brazil – intellectuals and representations of national identity) . Rio de Janeiro, IUPERJ – REVAN, 1999.

¹⁸ Mauricio Tenório Trillo, *De cómo ignorar*. CIDE/FCE; México, 2000,

This distrust in the private world is justified. Local bossism (*mandonismo*), coronelismo^{TN}, greed and personalism that pervaded the traditional oligarchic politics controlled by voluntaristic and voluptuous bosses lacking in public spirit, and a weak State are the results of this type of negotiation – which were definitely classified by Vitor Nunes Leal in his classic *Coronelismo, enxada e voto* (Coronelismo, hoe and vote), left indelible scars in the Brazilian intellectual tradition. In this key, the outcry for national policies can be understood as a way out of the particularism, of predatory privatism. The belief in the efficiency of a model casting the State as the promoter of social policies also resounds in the criticism to the traditional model. The construction of the National State implied criticism of the First Republic (1889-1930). Reviewing the discourse of intellectuals in the publications of the Estado Novo, particularly the *Cultura Política* magazine, Angela Gomes addresses the frame of mind in which that generation tried to build the “other tradition”, and as she appropriately synthesized, the modernist generation was the “mediator of the transition that had begun in the 1920’s and was being concluded in the 40’s. The modernists rose magnificently to the task both because they reinstated the theme of Brazilianism with militant characteristics and because they were the intellectuals available to occupy the public offices of the Estado Novo”.¹⁹

At the turn of the 19th Century, Brazilian intellectuals considered the modernization of the country, betting heavily on State intervention in the articulation and/or moderation of social forces. Perhaps this explains why even liberals like Anísio Teixeira, inspired by the United States and with a strong tradition of distrust of the role of the interventive State, conditioned Brazilian renewal to state action.

Early in the 20th Century, order and progress overcame democratic aspirations. They were seen as necessary prior steps in a discussion of democracy based on more reliable terms. The notions of progress and democracy did not necessarily advance hand in hand. Science could provide the key to more predictable and well-supported notions of rationality of procedures, creation of national systems in the areas

^{TN} *Coronelismo* refers to the rule of local landed leaders in distant, typically rural communities. Originally the emperor Pedro II had granted such leaders the title “Colonel of the National Guard” to ensure both their loyalty to the Brazilian Crown and his control over the vast countryside.

¹⁹ Angela Castro Gomes, *História e Historiadores* (History and Historians). Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getulio Vargas, 1996, p.139.

of social policies – health, education, culture, heritage, labor relations, social security. Hence, belief in State intervention and faith in the progress of science sedimented the intellectual project of a significant portion of the post-1930 generation in Brazil. In a letter addressed to Monteiro Lobato, Anísio Teixeira, an intellectual unquestionably linked to democracy and freedom, stressed:

“(…) We are immersed in an atmosphere such as the one that must have dominated Europe in 1848: we are still seeking political and civil freedom! When will we see that the problem of organization, not the political problem, is what really matters? Let men [and women] be prepared. Let technicians be formed. They shall organize. From organization, wealth will come. And all else, healthy politics, freedom, etc., etc. – will be added.”²⁰

And Anísio himself – a prime target of the authoritarianism that prevailed during the Vargas administration – joyfully received both the creation of the Ministry of Education and Health, in 1930, and the invitation from the then Minister Francisco Campos²¹ to cooperate with the government in the reform of secondary education. The long-awaited action of the State could finally be felt, says Anísio in various letters kept in his personal archives. Therefore, it is not surprising that representatives from all segments of intelligent life participated in a government that assumed a model of intervention designed with arguments of rationality, planning and opposition to regionalisms, the oligarchies, local bossism (*mandonismo*) – a modern State, at last. This is the major reason why it was so widely accepted among the most important groups of intellectuals of that generation.

To speak of intellectuals and power at a time in Brazil’s history when culture and politics overlapped to the point of conferring on politics an entirely different

²⁰ Letter from Anísio Teixeira to Monteiro Lobato in *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato* (Conversation between friends: selected correspondence). Salvador: Rio de Janeiro, Fundação Cultural Estado da Bahia/CPDOC/FGV, 1986, p.56.

²¹ Francisco Luís da Silva Campos was Born in Dores do Indaiá, Minas Gerais, on November 18 1891. A jurist of acknowledged erudition, Campos participated in the country’s political life since the 1920’s, as Member of the Federal Congress. He played an important role in the 1930 Revolution and was the first incumbent of the new Ministry of Education. His name is associated with at least two uniquely important facts: the Education Reform of 1931, considered one of the most important in Brazil, and the writing of the “Polaka” (the 1937 Constitution) that inaugurated the authoritarian Estado Novo regime. He died in Belo Horizonte, on November 1st 1968.

dimension²² is an exercise that requires some exceptions. If it is true – as specialized literature consistently points out – that there was an extensive participation by intellectuals in the design of political actions in several fields (education, culture, heritage), in the formulation of a doctrinal system to legitimize the Estado Novo, in the definition of a broad propaganda project using the various media of the time (printed press, radio, cinema and theater), it is also true that some of those intellectuals were preferentially targeted in the calling to account that inevitably ensued. Risking perhaps an overstatement, I would say that few caused so much indignation and calling to account as the poet Carlos Drummond de Andrade, to the point that no mention can be made of the most well known ministry of the Vargas administration without recalling the loyal and permanent Head of Capanema's office, the minister's private secretary during the eleven years he remained in office.

The history of the close ties between intellectuals and power in the Capanema ministry is a history whose roots can be traced to before he took over as a minister. In a specific moment in time and in a particular geographic space, a group of friends gathered all that was required to define the course of a generation. Here, generation is understood in the classical meaning ascribed by Karl Mannheim: a particular form of local identity that encompasses age groups inserted in a same socio-historical process. What is important in this definition is the fact that they are groups conceived as people of similar ages sharing common experiences that distinguish them from their contemporaries in other age groups. It is the dimension of socially shared experiences that bestows a special meaning on Mannheim's formulation.²³ The moment we refer to is the decade of 1920, and the space is the city of Belo Horizonte, capital city of the first modernist generation of Minas Gerais.

Intellectuals of a particular city

“In the month of August, we started reading through the night, during the day, at any free moment we had. No movies, Bar do Ponto, black girls, no time

²² Lucia Lippi Oliveira, Mônica Pimenta Velloso and Angela Maria Castro Gomes' researches published in *Estado Novo. Ideologia e Poder* (Estado Novo. Ideology and Power) (1982) are, until today, seminal references to anyone interested in the involvement of intellectuals in the formulation of a policy for a State that was intended to be new.

wasted...” Thus Pedro Nava leads us back to 1921, to his days as a medical student, to the romping of a generation of young intellectuals and to the youth of a city, Belo Horizonte, then 24 years old. In *Beira-Mar* he makes this journey through time and takes us to visit his friends at Rua da Bahia (Bahia Street). Not only does he impart his first experience as a public servant but makes a detailed description of his daily walks from office to home, invariably following new routes, taking pleasure in getting lost in the streets of this city. “Rua da Bahia and all the building facades”, he says, “are imprinted in my memory as the faces of old friends”. Nava, the urban drifter, started there, in the Belo Horizonte of the 1920’s, a habit that he would follow to exhaustion in the city of Rio de Janeiro decades later. His obsession in mapping both human types and the lines of the city was one of the strongest characteristics of this citizen of both Juiz de Fora, Minas Gerais, and Rio de Janeiro. One can say that in the memoirs of Pedro Nava both human and urban geographies are intertwined.

Little by little, the young men perceived the gap between their intellectual expectations and the limits imposed by this parochial city, this new capital still with an atmosphere like a hamlet. Their effort in presenting themselves as participants of an ideal of unity, moderation, prudence and balance – values expressed in the ideas of *mineiridade* – the quality of being *mineiro*, i.e., from Minas Gerais – corresponded to their efforts to create the image of a capital, center of culture and political *locus* capable of influencing the destiny of the state of their home state. The trajectories of Pedro Nava and Drummond symbolize the trajectory of an entire generation, which is perhaps emblematic of the failure to transform Belo Horizonte of the 1920’s into the cultural capital, cosmopolitan and universal, intended in the Cartesian design of Aarão Reis. And yet they tried. They produced environments in which they could be as modern as they dreamt despite the hamlet-like city they lived in. Even the resistance of the former Curral del Rey to being subjected to an urban mold was sung by the poets and writers. The “ghosts” of Belo Horizonte that inspired their chronicles and poems, which reappear in the delicious narrative of Heloísa Starling, can be understood as the victory of the hamlet, of tradition over the modernizing pressure

²³ An excellent synthesis of the concept of generation can be seen in Alan B. Spitzer, “The Historical Problem of Generations”. *American Historical Review*, vol.78, n.5, December 1973, p.1353-1385.

and mold announced by the new capital of reason. The ghosts resisted time and stubbornly remained there.²⁴

The group of young people introduced by Nava was rather large for the then parochial environment of Belo Horizonte in the 1920's: Abgar Renault, Alberto Campos, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida, Gabriel de Rezende Passos, Gustavo Capanema Filho, Hamilton de Paula, Heitor Augusto de Souza, João Alphonsus de Guimaraens, João Guimarães Alves, João Pinheiro Filho, Mario Álvares da Silva Campos, Mario Casassanta and Milton Campos. They formed the *Grupo do Estrela*, taking the name of the coffeehouse where they met.²⁵

Among the members of this group, Carlos Drummond was the one that was exposed to the vexation of having to justify his permanence in the Estado Novo cabinet and his loyalty to the minister. Arriving in the capital of the state in 1920, he soon joins the “boys of Belo Horizonte”, none of who was from Belo Horizonte, and the reason is soon revealed: they were as old – sometimes older – as the city inaugurated in 1897. They came from various places, villages of Minas Gerais: Itabira, Dolores de Indaiá, Pitangui, Mariana and Juiz de Fora are the birthplaces of Drummond, Francisco Campos, Capanema, João Alphonsus and Pedro Nava respectively. This small group of intellectuals stands for the exodus that took place in populating the new capital of the state. It is this small group of literati that introduced Belo Horizonte into the literary chronicles. In this urban environment, a fraternity was formed, comprising “young lawyers, physicians, poets, journalists, some fifteen or twenty in all, not subjected to, but influenced by common trends and habits – which, at the time, best reflected the “mineiro” taste for freedom, irony and reflection”.²⁶ After all, they were intellectuals, hence, in the words of Drummond, harmless, since they were “contemplative”.

Belo Horizonte lacked a concrete structural frame to fully realize this individualistic ideal. The way to compensate for this was to move beyond the local

²⁴ Heloisa Starling, “Fantasmas necessários: a cidade como emblema da modernidade tardia” (Required ghosts: the city as an emblem of late modernity). Belo Horizonte, 2000, mimeo.

²⁵ Pedro Nava, “Recado de uma geração” (Message from a generation). Preface to *A Revista*, founded in Belo Horizonte in 1925/1926 by Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida and Gregoriano Canêdo.

²⁶ Carlos Drummond de Andrade, “Recordações de Província”. In: *Passeios na ilha: divagações sobre a vida literária e outras matérias*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1975.

boundaries via intellectual exercise, by formalization and abstraction. The insatiable hunger for books, the eagerness for French literary novelties, fresh from the hub of western culture, the conversation around literary creation, the freedom their dialogue consented, all working as fuel for the joy and pleasure of that special group of young men that the country would soon get acquainted with in national politics. Due perhaps to youthful naiveté, they wagered on the supremacy of literature over context, on the revolutionary transformation of conventions by intellect. As Francisco Iglesias, a professional journalist since youth, said, it was difficult for Drummond to abstain from politics. “In addition, in Minas intellectuals had always been connected to government through bureaucracy: rare was the writer that did not work in some department, usually as private secretary to the state president (title of the state governor at the time) or a member of his cabinet”.²⁷ Drummond worked at the *Minas Gerais* – the official journal of the administration, which opened space to literature printing critiques, poems, chronicles and philosophical essays.

Invited by Capanema to join him as private secretary at the ministry, Carlos Drummond de Andrade moved to Rio de Janeiro, then capital of the country, in 1934. There he would live until his death on August 17 1987. During his days in the ministry he perfected his talent as a “scribe”, a talent first revealed and refined in the days of journalism at the *Minas Gerais*, and in his participation in Cristiano Machado’s term at the Inland Secretary, in 1930, having remained in the position when Machado had been succeeded by Gustavo Capanema himself. “Under aliases or the signature of PRM bosses or no signature at all I wrote letters, speeches, interviews, newspaper articles, editorials, loose papers”.²⁸ Therefore, the invitation to the federal government was not fortuitous: in addition to his close friendship with Capanema, the poet had wide experience at the state level and had cooperated with the future minister during his term at the Inland Secretariat, which was responsible for the security of the state. In those days, the Minister of Education was Capanema’s mentor Francisco Campos, later Minister of Justice, who orchestrated the agreement between the Catholic Church, the

²⁷ Francisco Iglesias, op.cit., p.6

²⁸ Francisco Iglesias, op.cit., p. 7

state political forces and the central government that would lead Capanema to the office of minister.²⁹

The generation of the 20's had rather cultivated meetings at the fraternity. Short stories, chronicles, letters and memoirs confirm the pleasure and the intellectual benefits they obtained from those regular assemblies consecrated as quasi-religious moments. The fraternity continued to meet in the next decades and, despite the dwindling number of intellectuals that entered politics, admitted other young people that would soon become a reference in the country. In the 1950's, Belo Horizonte was still remembered as the place where the elders met the newly arrived. In the words of Silviano Santiago, "JK (Juscelino Kubitschek) was the governor of Minas Gerais at that time. The elders were professors who taught around a table in a confectioner's shop. (...) By transgressing the classical rules of petit bourgeois teaching, they led the young to transgress the conventional notions of the *mineira* society".³⁰ Throughout the following decades, conversation in bars, bookstores and confectioners' shops turned from a habit into almost a ritual in the cultivation of intellectuals in this city of the modernist intellectuals of Minas Gerais.

Between Politics and Freedom of Spirit

The participation of intellectuals in the Capanema ministry amalgamated two kinds of movements. On one side, an answer to the call of the State for the development of policies addressing the various areas of social life – a positive reaction that can be understood in the context of the construction of the Welfare State that I mentioned earlier – and on the other, a movement of adherence/distancing, enthusiasm and refusal caused by the tension that has in Julien Benda's thesis a good point of reference. The three examples used in this paper - Pedro Nava, Mário de Andrade and

²⁹ Cf. Helena Maria Bousquet Bomeny, "A estratégia da conciliação: Minas Gerais e a abertura política dos anos 30" (Strategy of Conciliation. Minas Gerais and the Political Opening of the 1930's). In: Ângela Maria de Castro Gomes (coord). *Regionalismo e centralização política. Partidos e constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980.

Carlos Drummond – are typical and help us in outlining the alternating manifestations of praise and criticism, a stop-and-go, often conflicting activity, indicating the partial loyalty of the intellectuals to politics. Outside the government, watching from afar, Nava distinguishes himself from the other two, but still reveals some similarities.

The first of such similarities is the underlying sincere friendship I already mentioned. They praise the modern dimension of that particular ministry, which in their view – and especially regarding architectural projects – would have opened the doors to civilization for Brazil. Other equally illustrious contemporaries follow Pedro Nava in this assessment. In a famous letter to Capanema, Lúcio Costa, who later would attain worldwide acknowledgement as author of Brasilia’s urban plan, comments the inauguration of the Ministry building saying:

...Were the minister another man, this building would not exist. Your qualities, and possibly some of your defects made this work feasible. No other public man, here or elsewhere, would have had the courage to carry out such a radically innovative work under such unfavorable conditions...³¹

It is a perfect statement. The “some of your defects” Lúcio Costa mentions is a reference to the minister’s decision to charge Lúcio Costa himself with the construction of the Ministry of Education building, later acknowledged as a milestone of modern architecture in Brazil. Capanema waived the result of a public contest and appointed Lúcio Costa, who immediately gathered a group of architects – all of whom had failed to classify in the contest – to develop the project. The group recommended that Le Corbusier – French-born Swiss architect and most powerful advocate of the modernist school – should be invited to Brazil to consult on both the ministry building and the university campus. Henrique Mindlin, an architect of the subsequent generation, tells us how the result of the event overcame the condemnation of the procedure:

In an atmosphere of generalized artistic indecision, the prizes were awarded to purely academic projects, while other works of great value and within a modern concept presented by a group of young artists were dismissed. It was then that one of those unexpected events that change the course of history took place: the

³⁰ Silvano Santiago, “De passarinhos e formiguinhas”. Jornal do Brasil, sábado, 20 de março de 1999. *Caderno Idéias/Livros*, p.5.

³¹ Lúcio Costa, letter to the Minister Capanema, dated October 3 1945. Gustavo Capanema Archives, CPDOC, Fundação Getulio Vargas.

*Minister of Education, Gustavo Capanema, inspired by the combination of vision, daring and common sense that characterized him, took the personal decision that has been considered the greatest individual contribution to the development of modern architecture in Brazil. Relying on the opinion of several acknowledged critics, particularly Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Rodrigo Mello Franco de Andrade and Manuel Bandeira, and also on M. Piacentini, Italian architect who participated in the design of the campus, Capanema, after awarding the prizes to the winners, asked Lúcio Costa, one of those who had failed to classify, to present a new project. Upon Lúcio Costa's request, this invitation was extended to other architects that had also failed to classify. Thus the new group was formed, composed of Carlos Leão, Jorge Moreira and Affonso Eduardo Reidy, soon joined by Oscar Niemeyer and Ernani Vasconcellos...*³²

The testimonies of Nava and the architects Lúcio Costa and Henrique Mindlin's reveal a consensus in the circle of Brazilian architecture around a project acknowledged as the opening moment of a modern movement in the country. Therefore, in this case both the intellectuals and those in power are perfectly synchronized, i.e. power not only imposed restraints on intellectuals but also created the conditions that enabled intellectual activity to flourish, materialized in the project of modern architecture in Brazil. The references signed by Carlos Drummond and Mário de Andrade reveal another face of the same relationship with power: the uneasiness regarding the procedures to which they were subject as intellectuals immersed in the dynamics of central government bureaucracy.

Reactions, as I mentioned earlier, were varied. The letters addressed to the minister are an invaluable source of information that helps us perceive the ambiguity of the marriage between men of the spirit and the routines of power. Mário de Andrade's letters exemplify the impact of bureaucratic impersonality on the sensitivity of the modernist intellectual:

*"...My desire to serve well breaks under the memory of what education bureaucracy is like in this country of ours. I have had such a difficult experience in the reform of the Instituto Nacional de Música (National Institute of Music), in which I took part, invited by then minister Francisco Campos... We put up a heroic fight, Luciano Gallet, Sá Pereira and me. And what for? For our extremely naive idealism to be completely destroyed by an unbending bureaucratic organism..."*³³

³² Henrique Mindlin, *Arquitetura Moderna no Brasil* (Modern Architecture in Brazil). Rio de Janeiro, Aeroplano Editora, 1999, p.27.

³³ Letter from Mário de Andrade to Capanema on April 30, 1935. Gustavo Capanema Archive, CPDOC, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro.

They did put up a great fight because, contrary to Drummond, Mário de Andrade was positively provoked by any call to design projects, to create an organ capable of preserving culture and of valuing Brazilian cultural heritage. His correspondence with Capanema mirrors this seesaw between the drive to action and the unavoidable battle with the stubborn bureaucracy that conspired against any idea, project or cause.

When he writes to Capanema, Mário de Andrade is tired, faced with insurmountable financial problems and impatient with bureaucratic procedures. In one of his letters he expressed his disagreement with the government's decision to close the Universidade do Distrito Federal (UDF), in 1939. He addresses the minister in a harsh tone:

... the least of which was not the destruction of UDF. I could not submit to the reasons you gave for this; I painfully regret the effacing of the only place of the freest, most modern and most inquisitive education we had left in Brazil after what you had done to the Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo (The São Paulo School of Letters and Philosophy) This spirit, even if present teachers were to be preserved, will not survive in the Universidade do Brasil, since freedom is frail, shuns pomp, the pompous and unwieldy bureaucracie...³⁴

Mário de Andrade's letters were posted from Rio de Janeiro, the seat of federal power, where he lived in a kind of exile. Correspondence was always an effective medium for this compulsive letter-writer, this frail and sensitive modernist from São Paulo. The letter in which he bids farewell, asking the minister permission to return to São Paulo after an "exile" in Rio, reveals the full dimension of his loyalty to the life of the spirit.³⁵ He had left everything in São Paulo: a ten-thousand-book library, a personal collection of works of art that was already important at the time, his urban environment, his pianos, all that identified and nourished him, not to mention the most important:

For three years I have been living like this, only half of me here, neither continuing my studies nor finishing my books for lack of what remained there. Indeed, I have done nothing useful in these three years, at least nothing that can give me the illusion of possible usefulness, and I ended up with the firm

³⁴ Carta de Mário de Andrade a Capanema em 23 de fevereiro de 1939. Arquivo Gustavo Capanema, CPDOC, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro.

³⁵ Mário de Andrade's letters during his "exile" in Rio were collected by Moacyr Werneck de Castro and published as a book: *Mário de Andrade. Exílio no Rio*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989, 237 p.

*conscience that I am being demoralized. (...) And I can no longer bear this conscience of personal demoralization that has been nagging me for months now...*³⁶

Drummond is more silent, but not more detached. He is a quiet, shy presence in his rare and always oblique public appearances, and silent in the absence of letters – “which I am incurably incapable of writing”.³⁷ However, the way some of those who did write letters to the minister refer to the private-secretary-poet reveal his intimacy, his at-ease stance in the routine procedures of political management. Intellectuals, architects, writers who wrote to Capanema include “Carlos” as an extension of the minister. “I only ask you to let me know by a word of yours or Carlos...” (Mário de Andrade); ... “ask Carlos to explain what you want from me...” (Mário de Andrade); “my dear Capanema: a big hug to you and another to Carlos ...” (Gilberto Freyre).³⁸ With great adroitness and spontaneity Drummond followed the trajectory of the generation of private secretaries.

The first modernist generation of Minas Gerais was a generation of public employees, of private secretaries of high authorities. Drummond classified himself as “poet-employee”, the “unconvinced official scribe” and many followed him, both in the government of Minas and in his move to the federal capital invited by the minister Capanema. The *mineiro* intellectuals led the development of a policy on the national historic and artistic heritage and an educational reform that remained unchanged until 1961, in addition to occupying innumerable positions in institutes and public administration offices in the federal capital. Minas and Belo Horizonte in particular were invaluable sources of young talent for the public services during the 30’s. Typically, they were intellectuals, writers and poets. The combination of country youth and the *ethos* of the public employee pull the pendulum of traditionalism towards the intellectuals themselves. In opposition to the irreverence of their mid-twenties, the stability of official routine checked their impulse to flee convention keeping the beat of regularity. However, this combination of literature and public Office characterizes more than the *mineiro* intellectuals.

³⁶ Letter from Mário de Andrade to Minister Capanema on May 4th 1942. Gustavo Capanema Archive, CPDOC, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro.

³⁷ Letter from Drummond to Capanema, Gustavo Capanema Archive, CPDOC, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro.

³⁸ From letters to the minister at the Capanema Archive, CPDOC, Rio de Janeiro.

*One should observe that almost the entire Brazilian literature, both in the past and the present, is a literature of public employees (...) One must count on them to keep among us a certain reflexive and ironic tradition, a certain mien between disenchantment and pious outlook in interpreting and telling men, their actions, their love pains and their deepest aspirations – which perhaps only a writer who is a public employee could offer us, building his edifice of clouds under the protection of the Bureaucratic Order, as an inoffensive, subsidized madman...*³⁹

During his entire stay in the ministry, throughout Capanema's term, Drummond's activity was marked by a diligent and always discrete participation in doing what both office and talent allowed him – as direct assistant to the minister and scribe. At an event that motivated the title of this work, he tasted the conflict between loyalty to the spirit, to his own values and commitment to politics. Refusing to attend a conference on “anti-communism” his friend Alceu Amoroso Lima was going to present, the poet-employee writes to the minister asking him to release him from the position as his private secretary because he did not consider it appropriate for a person in such a position to refuse to participate in an event promoted by the ministry where he serves. Capanema certainly did not take his request into consideration, and they both came to some form of agreement as Drummond's permanence attests.

Mário de Andrade's activities in the ministry were prolonged, in memory as well as institutionally, thanks to his policy for the preservation of our heritage. Both Mário de Andrade and Rodrigo Melo Franco de Andrade became forever linked to the project of preservation of the historic and artistic heritage. In a sense, it is possible to see a certain proximity between the assessment of the intellectuals and architecture in Capanema's Brazil and the assessment that finally prevailed in the development of a special agency to care for our heritage: Both projects are linked to what was later acknowledged as initiatives of the State in favor of the modernization of Brazil and valuation of our national culture. Drummond's work involved all policy areas of the ministry, but he became more closely associated with this group of intellectuals mobilized around these two areas. Actually, after being relieved from his service at the ministry, Drummond would remain, until retirement, at the Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN – the National Historic and Artistic Heritage

³⁹ Carlos Drummond de Andrade, “Passeios na ilha”, in Francisco Iglesias, op.cit., p.8
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC / FGV – www.cpdoc.fgv.br

Protection Service). These are the arguments, I believe, that led Regina da Luz Moreira to conclude that “both in literature and plastic arts, Capanema tried to position himself above the political and ideological differences that divided the country. Assisted by his private secretary, the poet Carlos Drummond de Andrade, he gathered a diversified team composed, among others, by Mário de Andrade, Cândido Portinari, Manuel Bandeira, Heitor Villa-Lobos, Cecília Meireles, Lúcio Costa, Vinícius de Moraes, Afonso Arinos de Melo Franco and Rodrigo Melo Franco de Andrade”.⁴⁰

The area of education makes us confront an entirely different reality. Perhaps this distinction can be better understood if we consider that education is an area that defines the orientation of minds, and interferes in the election of values. At that particular time in Brazilian political history, education was expected to inspire what should become the “new man” for a “new State”, as Capanema used to say, echoing the words of President Vargas. The dispute between projects and the clash of ideas find in education the space where the battle is more publicly relevant. And, in education, we can track the most radical movement of adherence and expulsion, incorporation or reclusion that intellectuals like Anísio Teixeira exemplified by their own public life.

The architectural aestheticism and culturalism involved in the preservation of national memory and heritage contrast with a sociology of education characterized by forward and backward movements, interventions of the various players and the most diverse ideologies. This is the last point I would like to examine in more detail.

Works of art rather absolve iniquitous fidelities to public politics. They defy the functionalist perspective in thinking through the relationship between intellectuals and power. Works of art disorganize this scheme. The talent of Villa-Lobos overlaps the images produced under the Estado Novo, which reveal his intimacy with power. Fernando Pessoa’s poems are stronger (and more independent) than the memory of his alleged sympathy with fascism. Wagner’s music eventually becomes autonomous and overcomes his always remembered and profoundly disquieting association with Hitler. In its permanence, transcendence, timelessness, in its

⁴⁰ Regina da Luz Moreira, Introduction to the Capanema Inventory. In: Regina da Luz Moreira (org). *Arquivo Gustavo Capanema. Inventário Analítico* (Gustavo Capanema Archives: Analytical Inventory). (Sponsored by the Ministério da Cultura and the Fundação Vitae). Rio de Janeiro, CPDOC, 2000, p.14.
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC / FGV – www.cpdoc.fgv.br

insurmountable capacity to move, Art seems larger than politics, never subject to contingencies and contexts. In distinguishing between Art and science, Max Weber said that Art is not made to be overcome, a distinction that in this case can be extended to Art and politics. Perhaps this is why the adherence of artists, poets, writers and composers to politics is denounced and the discomfort heightened, but, at the same time, the accused are defended in a reaction from those that value the work of Art above its creator. The defense of Art minimizes the uncomfortable links of its creators with questionable programs, projects, ideologies and policies. It is immortal and transcendent Art – not the mortal creators – that is being absolved, as if, in absolving, each of us who keeps loving Art despite the treasons – or infidelities, as Julien Benda wanted – of its creators.

The intellectuals involved in education do not have the same chance of absolution. Here, intellectuals, creators and policies are mixed because their ideas and formulations imply implementation, imply the test of the real world and, above all, imply direct interferences with the routine of people's lives when they materialize. They reorient conducts and procedures, lead actions or intercept projects, whether ongoing or still being conceived. The formulation itself is confronted by other concurring perspectives, other conceptions, other ways of implementation, other ideologies. In a paper where she analyzes the educational debate of the 30's, Clarice Nunes defines the question rather well:

Professional educators were not alone in the real space they occupied in trying to build their identity and organize culture, education, the State and society. They had competitors, and those others were also formulating projects and proposals, opening spaces, making alliances or not with those in power. The professional educators and their opponents and allies, even temporary ones, occupied positions in a field of possibilities and it would be useless to define their fight and what it represented without defining the fight of their competitors and the meaning it has for themselves in the same field..⁴¹

Who competes with Drummond's poems? Or Cecília Meireles'? Or Manuel Bandeira's? With Heitor Villa-Lobos' compositions? The lines of Lúcio Costa and Oscar Niemeyer? The drawings of Portinari? Why chose between one and the

other? Which manual of human interaction states that adherence to one form of artistic manifestation supposes the exclusion or redefinition of another? Thus, the world or Art is, both by definition and nature, essentially plural and free. And, most intriguing and disquieting of all: independent and autonomous regarding any surrender to, and contingent copulation with power. In hindsight, the intellectuals and the Estado Novo, sensitivity and authoritarianism – delicate reconstructions in their many stumbles – took me back to the feeling that Gilberto Freyre unforgettably translated in his journey through colonial life in *Casa Grande e Senzala (The Masters and the Slaves)*: “It is a past that when we study it, we touch raw nerves, a past that intertwines with each of our own lives”.

⁴¹ Clarice Nunes, “O Estado Novo e o debate educacional”. In: Marcos Cezar de Freitas (org). *Memória intelectual da educação brasileira*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco/EDUSF, 1999, p.34.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, Carlos Drummond. Recordações de província. In: *Passeios na ilha: divagações sobre a vida literária e outras matérias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- Bomeny, Helena. A estratégia da conciliação: Minas Gerais e a abertura política dos anos 30. In: Gomes, Angela Maria de Castro (org.). *Regionalismo e centralização política. Partidos e Constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- . *Guardiães da razão. Modernistas mineiros*. Rio de Janeiro, UFRJ; São Paulo, Tempo Brasileiro, 1994.
- Castro, Moacyr Werneck de (org.). *Mario de Andrade. Exílio no Rio*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989. 237p.
- Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador, Fundação Cultural Estado da Bahia; Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, 1986.
- Gomes, Angela Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro, FGV, 1996.
- (org.). *O ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro, FGV; Bragança Paulista, Edusf, 2000.
- Hochman, Gilberto. *A era do saneamento — as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo, Anpocs/Hucitec, 1998.
- Iglesias, Francisco. História, política e mineiridade em Drummond. Rio de Janeiro, Fundação Cultural Banco do Brasil, 1990. mimeog.
- Lima, Nisia Trindade de. *Um sertão chamado Brasil. Intelectuais e representações da identidade nacional*. Rio de Janeiro, Iuperj/Revan, 1999.
- Miceli, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo, Difel, 1979.
- . *Intelectuais à brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001. 436p.
- Mindlin, Henrique. *Arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 1999.
- Moreira, Regina da Luz (org.). *Arquivo Gustavo Capanema. Inventário analítico*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2000.
- Nunes, Clarice. O Estado Novo e o debate educacional. In: Freitas, Marcos Cezar de (org.). *Memória intelectual da educação brasileira*. Bragança Paulista, Universidade São Francisco/Edusf, 1999.
- Oliveira, Lucia Lippi. As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado. In: *A Revolução de 30. Seminário internacional*. Brasília, UnB, 1982. (Coleção Temas Brasileiros, v. 54.)
- Ramos, Alberto Guerreiro. A inteligência brasileira na década de 1930, à luz da perspectiva de 1980. In: *A Revolução de 30. Seminário internacional*. Brasília, UnB, 1982. (Coleção Temas Brasileiros, v. 54.)
- A Revolução de 30. Seminário internacional*. Brasília, UnB, 1982. (Coleção Temas Brasileiros, v. 54.)
- Santiago, Silviano. De passarinhos e formiguinhas. *Jornal do Brasil*, 20-3-1999. Caderno Idéias/Livros, p. 5.
- Santos, Luis Antonio Castro. O pensamento sanitário na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. *Dados*, 28(2):193-210, 1985.